

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA**  
**CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES**  
**BACHARELADO EM DANÇA**

**HILLARY MARIA LEMES FARIAS**

**AULAS DE *BALLET* CLÁSSICO *ON-LINE*: ASPECTOS DO ENSINO-  
APRENDIZADO REMOTO EM BAILARINOS DURANTE A  
PANDEMIA DE COVID-19**

**VIÇOSA - MINAS GERAIS**

**Março de 2022**

**HILLARY MARIA LEMES FARIAS**

**AULAS DE *BALLET* CLÁSSICO *ON-LINE*: ASPECTOS DO ENSINO-  
APRENDIZADO REMOTO EM BAILARINOS DURANTE A  
PANDEMIA DE COVID-19**

**Monografia apresentada ao Curso de  
Dança da Universidade Federal de  
Viçosa como requisito para obtenção  
do título de bacharel em Dança.**

**Orientadora:PhD Dóris Dornelles**

**VIÇOSA - MINAS GERAIS**

## **Agradecimentos**

Agradeço às professoras do curso por me acolherem em toda a trajetória da graduação em Dança na Universidade Federal de Viçosa, em especial a minha orientadora Dóris Dornelles por acreditar em mim, pela paciência e dedicação para a conclusão deste trabalho.

Agradeço aos meus colegas de turma, companheiros nesse caminho em todos os momentos alegres e difíceis, em especial minhas amigas Laíse, Thais, Carol e Louise que estiveram comigo nesse momento, ainda que ‘distantes’.

Agradeço aos meus familiares, pais e irmãos por serem a minha base de apoio na construção desse trabalho.

Agradeço às instituições participantes desta pesquisa pela confiança e colaboração e também aos bailarinos participantes das entrevistas por se disponibilizarem a contribuir, sem eles esse trabalho não seria possível.

Agradeço ao meu companheiro Heberth por me apoiar nos dias mais difíceis, ser meu ponto de apoio emocional durante todo o processo de desenvolvimento da pesquisa.

## Resumo

Devido ao contexto de pandemia da Covid-19 o ensino do *ballet* clássico, assim como outras modalidades de dança, passou por adaptações para o modelo remoto. Esta pesquisa tem como objetivo investigar os principais impactos deste modelo de ensino no processo de ensino-aprendizagem dos bailarinos. A metodologia de pesquisa qualitativa me possibilitou coletar dados etnográficos e auto-etnográficos através de entrevistas com bailarinos e da observação-participante em aulas de *ballet on-line* em diferentes localidades brasileiras, modelos de ensino (síncronos e assíncronos) e plataformas de comunicação. As principais características do modelo de ensino remoto de *ballet* percebidas pelos bailarinos envolvem questões relacionadas ao espaço, atenção, memória, sensações e emoções. Os modelos de ensino remoto apresentaram questões complexas causadas pelo distanciamento social, que se diferenciam do ensino presencial. Contudo, esta pesquisa indicou que mesmo com todas as dificuldades, os bailarinos apreciaram este modelo como uma alternativa nesse período turbulento de isolamento social objetivando a manutenção da prática, o aprimoramento da técnica clássica, e fortalecimento das relações sociais nas aulas.

Palavras-chave: *ballet*, ensino/aprendizado remoto, espaço, atenção, memória, emoções

## ***Abstract***

*Due to the context of the Covid-19 pandemic, classical ballet learning was forced to adapt to the remote learning model. This research aims to investigate the main impacts of this teaching model on the dancers' learning process. The qualitative research methodology enabled me to collect ethnographic and auto-ethnographic data through interviews with dancers and participant observation in online ballet classes from diverse locations in Brazil, learning models (live or recorded) and platforms of communication. The main characteristics of the remote learning and teaching models, according to the dancers, involve categories of analysis related to space, attention, memory, sensations and emotions. The remote learning models had many complex issues caused by distancing social, differentiating them from presential learning. However, this research indicates that even with all difficulties the dancers celebrated this model as an alternative in the turbulent period of social isolation as means to keep up with this practice, improve their classical technique, and maintain social relationships in the classes.*

*Key-words: ballet, remote learning/teaching, space, attention, memory, emotions*

## SUMARIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>7</b>
<b>2 EXPLORANDO O REFERENCIAL TEÓRICO: AULAS <i>ON-LINE</i> DE <i>BALLET</i> NA PANDEMIA DE COVID-19.....</b>	<b>10</b>
<b>2.1 Necessidades básicas para uma aula de ballet .....</b>	<b>10</b>
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>15</b>
<b>3.1 Observação-participante.....</b>	<b>16</b>
<b>3.1.1 Modelos selecionados de aulas de ballet clássico no ensino-aprendizagem remoto.....</b>	<b>18</b>
<b>3.2 Entrevistas.....</b>	<b>19</b>
<b>3.3 Aprovação Comitê de Ética.....</b>	<b>20</b>
<b>4 ANÁLISE: A EXPERIÊNCIA DOS BAILARINOS NAS AULAS VIRTUAIS DE <i>BALLET</i> CLÁSSICO.....</b>	<b>21</b>
<b>4.1 Dicotomia: estar sozinho no espaço físico e acompanhado no espaço virtual.....</b>	<b>22</b>
<b>4.2 Espaço.....</b>	<b>26</b>
<b>4.3 Atenção.....</b>	<b>33</b>
<b>4.4 Memória.....</b>	<b>35</b>
<b>4.5 Sensações.....</b>	<b>37</b>
<b>4.6 Emoções.....</b>	<b>40</b>
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>45</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>49</b>
<b>APPENDIX I.....</b>	<b>52</b>
<b>APPENDIX II.....</b>	<b>53</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Em meio ao cenário complexo da pandemia de Covid-19, causada pela infecção pelo novo Coronavírus (SARS-CoV-2), bailarinos em todos os níveis de aprendizagem necessitaram utilizar o ensino *on-line* como forma de manter a prática em dança. Em suma, o Coronavírus (SARS-COV-2) é um vírus do tipo corona, que possui uma sintomatologia variável. Sua infecção pode acarretar em gripe intensa com febre, tosse seca, dificuldade para respirar, dores de cabeça e no corpo, bem como diarreia, perda do paladar e perda do olfato. Estes estados corporais, podem rapidamente evoluir para uma condição semelhante à da pneumonia, comprometendo seriamente a capacidade respiratória (ANDRADE DIAS *et al.* 2020).

Esse vírus possui uma alta taxa de contaminação, e uma das formas de frear a propagação do vírus ocorre através do isolamento social em massa e o uso de máscaras de proteção ao respirar. Segundo Andrade Dias *et al.*, “o isolamento social é uma medida em que as pessoas são orientadas a não saírem ou saírem pelo tempo estritamente necessário de suas casas, a fim de tentar impedir a propagação de um vírus pelo contato entre indivíduos infectados e não infectados que circulam”(2020, p.3-4).

Nesse contexto, os professores e alunos de diversas áreas tiveram a necessidade de se adaptar ao ensino remoto, através das plataformas de comunicação *on-line*. Estas plataformas de comunicação ocorrem através de chamadas telefônicas de vídeo e áudio utilizando a *internet*. Podemos citar como exemplo algumas plataformas de mídias sociais que permitem a utilização de aulas gravadas e ao vivo como o *Google Meet* e *Zoom*. No caso dos professores e bailarinos de escolas e conservatórios de dança, cursos de graduação em dança e companhias profissionais, para além do uso de diversos recursos de meios de tecnologia da informação para realizar as aulas, houve também uma adaptação dos seus espaços de uso pessoal (suas casas) transformando-os em espaços de ensino-aprendizagem. Em especial as aulas de *ballet* clássico, necessitam espaço para movimentação expansiva nos exercícios de centro, piso adequado flexível para possibilitar saltar prevenindo lesões, utilização de barra e espelho. Estes são elementos comuns nesta modalidade os quais foram adaptados às casas dos bailarinos. Elementos que discuto mais adiante nesta pesquisa.

Esta pesquisa objetiva compreender os principais aspectos desse modelo de ensino-aprendizagem, em especial as aulas de *ballet* clássico *on-line*. O termo ensino-aprendizagem é definido por Botomé e Kubo (2001) como um sistema de interações comportamentais entre o professor e aluno que une os processos de ensinar e aprender. Para entender como esse processo ocorre dentro do ensino remoto analisei aulas de *ballet on-line* com seis professores

e vários bailarinos de diversas partes do país, em diferentes modelos de ensino de *ballet* intermediário-avançado utilizando fontes etnográficas e autoetnográficas. Esta análise me possibilitou aprofundar conhecimentos sobre a corporalidade que se constrói através desse novo modelo de ensino, as modificações nas relações entre o corpo e espaço, as relações entre bailarino e professor, e o impacto do ensino de dança, em especial do *ballet*, em um contexto de isolamento social. Segundo Dornelles e Pereira (2013) o conceito de corporalidade é baseada na experiência corporal diária, em reconhecer o corpo como central da experiência humana e em como ele vivência os espaços sociais.

Diversos são os fatores que diferenciam o ensino da dança *on-line* e presencial. O contexto de pandemia de Covid-19 afetou diversos bailarinos e professores a nível mundial. Por isso, considero necessário analisar os principais aspectos do ensino-aprendizagem das aulas de *ballet* na modalidade *on-line*. Desde março de 2020 no Brasil a situação de colapso da saúde pública e necessidade de isolamento social para conter a pandemia de Covid-19 provocou um estado de ansiedade constante nas pessoas. Isso também se evidenciou nas mudanças no comportamento dos bailarinos em relação às aulas diárias de *ballet*. Diferentes das aulas usualmente realizadas nos estúdios presenciais, na qual os bailarinos socializam com seus colegas e professores em um único ambiente, nas aulas remotas houve um distanciamento corporal entre os participantes das aulas devido a pandemia de Coronavírus.

Estamos lidando com corpos que desde o início da pandemia são constantemente bombardeados de notícias negativas, vivendo momentos de angústia enquanto aguardavam ansiosamente pela oportunidade de se vacinar. Importante destacar que estes bailarinos e professores adaptaram as aulas remotas ao mesmo tempo em que continuam vivenciando o aumento diário de número de casos de contágio e alto número de mortes em decorrência do vírus Covid-19. Muitos desses bailarinos perderam familiares, amigos, ou estavam aguardando notícias de algum conhecido que estava em um leito de hospital em situação grave de saúde.

Estes bailarinos muitas vezes buscam a dança como uma oportunidade de se manterem saudáveis fisicamente e mentalmente. Contudo, nesse contexto absolutamente caótico de emergência de saúde pública mundial, com notícias negativas imprevistas a cada momento, o estado emocional destes bailarinos e professores nas aulas de *ballet* clássico remoto encontra-se desequilibrado, com mudanças de humor frequentes e até perda do controle diante de situações rotineiras. Neste cenário, em que a conjuntura social constitui-se um momento delicado para todos, é muito importante analisar como ocorreram as relações entre bailarinos e professores no ensino, onde o respeito, a empatia, a paciência e a criatividade, são fundamentais para a aprendizagem.



Este cenário, da criação e experiência nas aulas de *ballet on-line* me motivaram a estudar mais a fundo o impacto do ensino-aprendizagem da dança clássica para a saúde física e mental dos bailarinos. Neste sentido, identifiquei quais as contribuições e desafios que as aulas de *ballet* clássico *on-line* podem oferecer para os seus praticantes em meio a situação de isolamento social.

Baseada nas questões expostas anteriormente, essa pesquisa tem como objetivo principal analisar os aspectos do ensino em *ballet* clássico *on-line* e seu impacto no aprendizado dos bailarinos durante a pandemia do Coronavírus (SARS-CoV-2). Os objetivos específicos desta pesquisa visam: 1) investigar como os bailarinos vivenciam sensações e emoções diversas e aprendem nas aulas de *ballet on-line*; 2) identificar, sob a perspectiva dos bailarinos, como suas corporalidades se constroem através desse modelo de ensino remoto de *ballet on-line* (por exemplo, modificações nas relações entre o corpo e espaço, nas relações entre bailarinos e com o professor); e 3) analisar como ocorre o aprendizado dos bailarinos em diferentes modalidades de aulas de *ballet on-line* em um contexto de isolamento social na pandemia Covid-19.

Portanto, minha pergunta de pesquisa foca em: **como o ensino de *ballet* clássico *on-line* influencia no aprendizado dos bailarinos durante a pandemia do Coronavírus (SARS-CoV-2)?**

## **2 EXPLORANDO O REFERENCIAL TEÓRICO: AULAS *ON-LINE* DE *BALLET* NA PANDEMIA DE COVID-19**

Esta seção está dividida em subseções com intuito de explorar diferentes aspectos relacionados às oportunidades e dificuldades de ensino-aprendizado nas aulas de *balleton-line* conforme a literatura selecionada.

### **2.1 Necessidades básicas para uma aula de ballet**

Segundo Tchakova et al (2019) tradicionalmente alguns elementos são comuns em uma sala de aula de *ballet*, como uma barra (um varão fixo a parede), espelhos nas paredes e chão adequado para a prática (geralmente feito de madeira ou chão flutuante). A barra é um auxílio para a prática de exercícios que virão a ser desenvolvidos no centro, o espelho oferece um *feedback* visual ao bailarino de si mesmo, como “ver-se de fora”. Já o chão especializado, absorve parte do impacto de saltos, que são exercícios feitos frequentemente no ballet além de oferecer o atrito necessário para a prática de exercícios com giros.

Para o ensino virtual esse ambiente veio a ser adaptado para a casa dos participantes, modificando as relações entre corpo e espaço presentes no ensino de *ballet*, tais questões serão abordadas a seguir. Neste sentido, a pandemia do vírus Covid-19 apresentou uma situação atípica onde as questões sensoriais de ensino-aprendizado em dança se tornaram complexas e desafiadoras por inúmeros motivos. Em relação a esta questão, Lopes (2020a, p.1) nos explica que:

O distanciamento social é essencial para nos mantermos saudáveis durante a pandemia, mas ele também acarreta em aumentos significativos de problemas como ansiedade, depressão e estresse, além do próprio isolamento, que aparece como causa e consequência de muitos problemas psicológicos comuns em nossa sociedade.

A autora propõe a dança, como uma terapia complementar durante o período de isolamento social, apresentando como a dança pode ser uma válvula de escape nesse momento delicado, que é de ficar em casa, e evitar ao máximo contato físico com outras pessoas, algo que causa muita ansiedade. Ela expressa como ressignificar o espaço da casa pode trazer benefícios ao corpo e a mente.

Nesse contexto Silva e Marcílio (2020) realizaram uma pesquisa qualitativa através de formulário com 635 pessoas, com perguntas relacionadas às emoções dos participantes e o

ambiente da casa. A falta de qualidade da infraestrutura para as aulas remotas e as mudanças que tiverem que ser realizadas no contexto de isolamento influenciaram o emocional dos participantes. Estes autores expõem que o entorno arquitetônico pode influir em processos cerebrais que têm a ver com estresse, emoção e memória. Embora não seja o foco dessa pesquisa estudar o ambiente da casa dos participantes, as alterações de espaço geográfico (sair do estúdio e ir para dentro de casa) são apontados pelos participantes como um fator determinante sobre as suas emoções e atenção, e conseqüentemente nos seus aprendizados.

Lopes (2020b) através de uma dinâmica de pergunta e resposta, elabora questões sobre como a ausência do toque interfere no processo de aprendizagem. Esta autora explica que a ausência do contato físico como falta do contato humano, e de momentos de distração que são naturalmente criados no ambiente presencial como a conversa antes da aula, precisam ser considerados e adaptados no formato virtual, ou seja, tais mecanismos que fazem parte da aprendizagem devem ser criados intencionalmente, algo que é aleatório no contexto presencial.

Em outro texto, Lopes (2020c) explora a “Socialização: importância da relação entre professores e alunos no desenvolvimento e aprendizado da dança” como inerente no processo de aprendizado. Para esta autora, a relação aluno-professor e aluno-aluno afeta significativamente o processo de aprendizagem dos alunos.

Nesse sentido, Sathler (2021) trabalha questões relacionadas às emoções de estresse e falta de atenção em aulas expositivas no ensino remoto dada a dificuldade de perceber sinais não-verbais dos professores em aulas expositivas no modelo virtual. Neste contexto remoto, o professor pode sentir dificuldade em perceber, por exemplo, expressões faciais, afetando significativamente processos de empatia, e o que o aluno está sentindo durante a aula. Oliveira et al (2021) apontam que a falta de contato humano face a face contribui para diminuir a efetividade humana, expandindo para uma questão cultural, visto que no Brasil, esse contato é muito valorizado.

Além disso, Sathler (2021) sugere também a importância de se trabalhar com metodologias ativas nesse modelo de ensino. Conforme Sathler, “muitos professores e alunos passaram a experimentar níveis mais elevados de cansaço e maior frustração com a pouca efetividade de seus esforços após a maciça migração para a interação majoritariamente realizada por videoaulas ao vivo” (2021, p. 3).

Seguindo nesta linha, Ladewing (2000) apresenta a importância da atenção no processo de aprendizagem de habilidades motoras e como ela passa a ser ressignificada através dos avanços do indivíduo nos estágios de aprendizagem. Por isso, a medida em que o

indivíduo avança no aprendizado, ele melhora a sua “performance” do movimento. No contexto de isolamento social e das aulas de *ballet* ministradas nesse período, a atenção facilmente se perde devido a fatores como o emocional do indivíduo e as interferências externas do ambiente em que o aluno participa da aula. Para Sathler (2021) essa dificuldade se expande também sobre questões das próprias plataformas de ensino, e a constante busca do cérebro por informações não-verbais durante a aula. Muitas informações sensoriais não são capazes de serem transmitidas pela câmera gerando um cansaço mental ainda maior para professor e aluno. Por isso, é válido levar em consideração como essas alterações de falta de atenção e emoções se tornam fatores a serem cuidados para melhorar a performance e processo de memorização e aprendizado dos exercícios propostos durante a às aulas.

Já os autores Sá e Medalha (2001) falam sobre o processo de aprendizagem e suas relações com a memória. Estes autores diferenciam a memória de longa duração e curta duração, explicando as estruturas anatômicas e mecanismos envolvidos no processo de aprendizagem motora. Ao mudarmos de ambiente ressignificamos estruturas de movimentos já previamente aprendidas. Por exemplo, realizar uma pirueta em um chão com linóleo adequado e realizar o mesmo movimento em um chão liso de porcelanato provocam diferentes sensações e demandam um outro nível de controle sobre o movimento que se está realizando. Essa informações de percepção das movimentações e posições do nosso corpo, que é recebida por receptores presente nas nossas articulações, músculos e pele é denominada por Monteiro (2006) como propriocepção. Dessa forma é importante entender que a diferença desses fatores ambientais podem alterar a performance, pois interfere na percepção de movimentos previamente aprendidos.

Os autores Sahin e Shelley (2020) analisam práticas educacionais durante o período da pandemia de Covid-19 em diferentes países. Sahin e Shelley (2020) exploram diferentes estudos sobre como o houve um molde nos processos de aprendizagem durante o período de isolamento social. Para essa pesquisa utilizo os termos selecionados pelos autores das aulas como síncronas e assíncronas, para diferenciar as diversas modalidades de ensino investigadas.

Nesse contexto de aulas de *ballet* clássico remotas (síncronas ou assíncronas), por exemplo, o bailarino e professor perderam o contato físico através do tato, a transmissão da música e fala muitas vezes ocorre de modo distorcido em função dos meios tecnológicos de plataformas de comunicação e a visão do professor sobre o corpo do aluno se limita ao que a câmera pode captar. Carlo Lopez, professor de *ballet*, diz em entrevista a Gia Koulass (N.Y. TIMES, 2020) que precisa fazer um trabalho com o ângulo para conseguir demonstrar o

exercício proposto, e embora seja limitante, seus alunos também devem se esforçar para trabalhar neste sentido (de encontrar ângulos de captação das imagens).

De acordo com os estudos apresentados, as relações entre o corpo e o espaço são ressignificadas, algumas vezes limitadas, pelo espaço disponível em casa. Nesse cenário é necessário lidar com adaptação de objetos no cômodo, ou com as mudanças provocadas pelo próprio tamanho do ambiente (sala, quarto, cozinha ou varanda). Isso provoca diferenças (reduções, ou espaços não regulares) nos exercícios das aulas de *ballet on-line*. Por exemplo, por falta de piso adequado e espaço para grandes movimentações, a tradicional estrutura de centro, ou uso das diagonais para realizar movimentações amplas no espaço são modificadas, podendo ser até excluídas da aula na maioria dos casos.

Quando se pensa na adaptação da sala de aula para o ensino a distância no caso do *ballet* clássico, nem todos possuem acesso a uma barra, que é frequentemente utilizada nos exercícios nas aulas. Em muitos casos a barra pode vir a ser substituída por exemplo, por uma cadeira, ou a aba de uma janela, e isso provoca sensações diferentes no corpo do bailarino. A presença de outros elementos que passam a compor aquela aula, como sons externos: uma conversa, um interfone ou até mesmo um animal de estimação que se aproxima, também interferem no estado corporal do bailarino naquele momento.

Lindsey Winship (2020), bailarina profissional de uma companhia de *ballet* europeia comenta sobre sua experiência em aula *on-line* com Tamara Rojo. Ela explica que em um momento de concentração do exercício de barra, tem sua atenção tomada pela realidade onde sua filha pede um biscoito, e pede para assistir televisão no ambiente em que ela está realizando a aula. Pequenas pausas como estas se tornam necessárias, pois em casa estamos sujeitos a esses fatores externos, os quais influenciam no estado corporal do bailarino. Estas pequenas distrações tiram o foco no aprendizado e na prática do *ballet*. Outros fatores, como a necessidade de se aproximar do celular ou computador para assistir a demonstração do exercício, dependendo de onde o aparelho está localizado, podem levar a um relaxamento da musculatura, “esfriar” o corpo, o que pode, por exemplo, favorecer o surgimento de lesões nestas circunstâncias.

No que diz respeito a acessibilidade às aulas *on-line*, embora existam dificuldades, o essa modalidade de ensino permite um acesso a professores e bailarinos que se encontram e são de diferentes lugares (países, estados, cidades, e níveis de aprendizado), que seriam praticamente inacessíveis de forma tão ampla no ensino presencial. Essa ampla acessibilidade, de aulas gratuitas, com profissionais com experiências diversas, que muitas vezes não demandam nenhum recurso financeiro do participante, permite que as pessoas possam acessar muitas aulas sem a necessidade de locomoção. No entanto, não podemos

deixar de considerar que os bailarinos precisam de uma conexão estável para poderem participar das aulas ou até mesmo somente visualizá-las.

Pensando no contexto de isolamento social em que o ensino só pode acontecer dessa forma, companhias de dança do mundo inteiro ofereceram aulas *on-line* de dança através de transmissões de vídeo ao vivo nas redes sociais. Muitas companhias de dança brasileiras, como por exemplo, a São Paulo Companhia de Dança (LIMA, 2021) compartilharam aulas abertas gratuitamente de maneira *on-line* através de *lives* em seu perfil do *Instagram*. Em outros países, o *NYC Community Ballet* também ofereceu aulas *on-line* através do aplicativo *Zoom* (LANSKY, 2020). Esta amplitude de aulas permitiu, e ainda permite, que bailarinos com diferentes experiências e educação em dança compartilhem da mesma aula e aprendizado de dentro de suas casas.

### 3 METODOLOGIA

Com intuito de compreender o processo de ensino-aprendizagem no campo das aulas de *ballet* clássico, considero importante a forma como o professor e bailarino vivenciam a codificação dos movimentos nesta técnica. Durante a comunicação entre professor e entre os bailarinos nas práticas das aulas, nos processos de aprendizagem os bailarinos trabalham, por exemplo, com diversas imagens corporais. Sob esta perspectiva, Marulanda e Oliveira ressaltam que o *ballet* clássico se constitui em uma técnica ocidental e europeia, e estas imagens correspondem "a contextos culturais e sociais específicos que configuram formas de entender e vivenciar a dança" (2014, p.1). Segundo estes autores, existem várias "metáforas referentes ao corpo e ao movimento presentes na metodologia do ensino do *ballet* clássico" (MARULANDA; OLIVEIRA, 2014, p.1), que quando analisadas através das premissas metodológicas da antropologia da dança, em particular usando recursos etnográficos, possibilita uma construção poética e um posicionamento do sujeito pesquisador. Este posicionamento do pesquisador ocorre a partir de sua convivência com os participantes da pesquisa em campo. Em suma, a etnografia se caracteriza por "um trabalho de campo de longa duração, o registro de experiências em diários de bordo e a posterior análise destes dados a partir de categorias propostas pelo pesquisador" (MARULANDA; OLIVEIRA, 2014, p.1).

Segundo Sylvie Fortin a etnografia é um estudo feito considerando a dimensão cultural, a experiência do meio em que se deseja pesquisar, observações e diferentes pontos de vista daqueles que fazem parte do campo pesquisado. Conforme Fortin, o pesquisador envolve-se na "construção dos saberes no estudo da prática a qual necessita observar o que é feito, escutar" (2009, p. 82). Já a auto-etnografia se aproxima da autobiografia e relatórios sobre si, e "se caracteriza por uma escrita do "eu" que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si" (FORTIN, 2009, p. 83). Neste sentido, considera-se o relato da própria experiência com o meio em que se deseja pesquisar como material empírico.

Para melhor entender os processos de ensino-aprendizagem de *ballet* em aulas *on-line* optei por trabalhar por meio de dados etnográficos definidos como "dados empíricos provenientes de uma presença sobre o campo, para responder a questão que se impõe à prática" (FORTIN, 2009, p. 79) e dados auto-etnográficos definidos como "as expressões da experiência pessoal, as quais aspiram a ultrapassar a aventura propriamente individual do sujeito" (FORTIN, 2009 p. 84). Baseada nestas premissas teórico-metodológicas optei por

observar aulas de *ballet* clássico adulto intermediário-avançado e realizar entrevistas com bailarinos que experimentaram diferentes modelos de ensino *on-line* para analisar o impacto dessa forma de ensino durante o período de isolamento social.

Embora eu não tenha realizado uma etnografia em sua totalidade na minha pesquisa, pois convivi alternadamente com cada grupo de bailarinos por tempos curtos ao longo de seis meses, reitero que utilizei destas premissas de fontes etnográficas e auto-etnográficas para construir minha metodologia. Procurei conviver e participar destas aulas de modo virtual/remoto, de modo a reconhecer meu olhar e sensações, e priorizar o que os participantes expressaram corporalmente e suas declarações nas entrevistas, como determinantes daquilo que percebi em cada aula.

No entanto, como bailarina-pesquisadora muitas vezes senti dificuldades em analisar os fenômenos das aulas que estavam tão próximos da própria cultura das aulas em que estou acostumada a participar, e que de alguma maneira me eram familiares. Nestes momentos busquei perceber cada aula como se fosse a primeira/nova, como se fosse desconhecida. Por isso, para analisar práticas cotidianas que são incorporadas nas aulas de *ballet* clássico, eu descrevi em profundidade cada vivência em um diário de campo, e transcrevi as vivências corporais e considerei cuidadosamente as falas dos outros bailarinos e professores que interagiram comigo como bailarina-pesquisadora.

Cada aula que participei possui características próprias de sua cultura e neste contexto construí minhas considerações sobre os significados e usos sociais desta prática em diferentes localidades brasileiras (as aulas pesquisadas ocorreram em diferentes cidades as quais professores e bailarinos estavam localizados) e contextos de aprendizado de *ballet* clássico (grupo de aulas particulares em grupo, curso de curta duração, disciplina de graduação em dança, escola amador-profissional e escola com foco profissional). A seguir, defino quais instrumentos metodológicos guiaram esta pesquisa.

### **3.1 Observações**

Segundo Lakatos e Marconi (2003) a observação é uma técnica de coleta de dados que serve para coletar informações utilizando os sentidos corporais (visão, audição, kinestesia, etc) na obtenção de determinados aspectos da realidade para entender melhor as práticas de um grupo de pesquisados. Esta técnica não envolve apenas ver ou ouvir, mas também examinar em detalhe os fatos das práticas sociais que se deseja estudar em tempo e espaço específico.



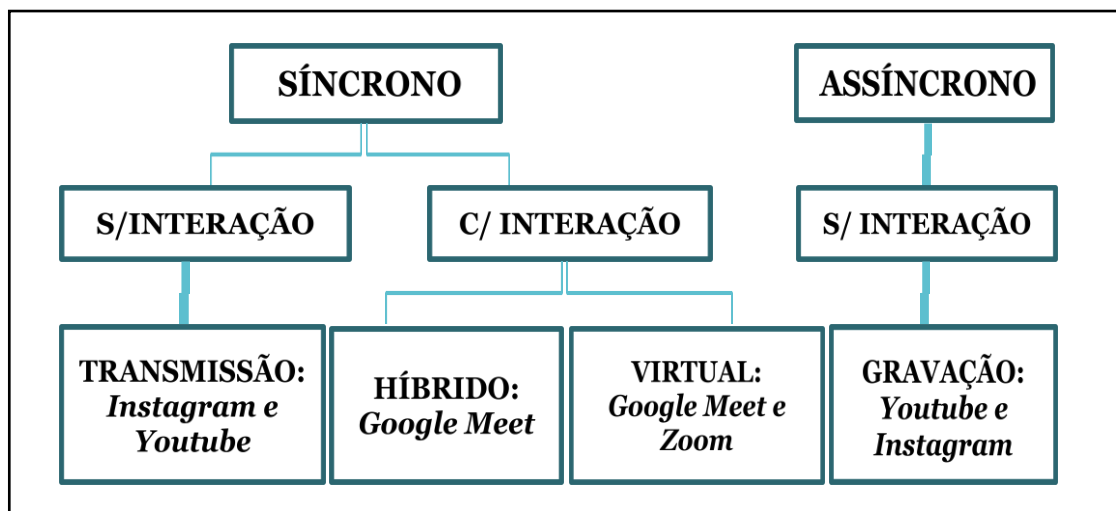
Desta forma, optei pela observação-participante para contribuir com essa pesquisa, visto que me permitiu estar presente, mesmo que virtualmente nas práticas dos pesquisados. De acordo com Lakatos e Marconi observação-participante consiste na “participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais” (2003, p.194). Baseada nesta definição, optei por participar em diferentes turmas e modalidades de *ballet* adulto *on-line* e através de um diário de bordo registrar os aspectos do ensino que observei em minha experiência empírica com essa forma de ensino. Esse registro da minha experiência pessoal vivida com esse modelo de ensino, inspirada nos estudos auto-etnográficos, foi registrada em diário de campo após cada aula que participei. Isso não significa que minha experiência pessoal seja mais válida que a dos participantes, e sim significa que ao participar das aulas obtive a oportunidade de vivenciar no ambiente em que os bailarinos-participantes estavam e registrar também minha percepção corporal sobre o campo ao experimentar os movimentos ensinados, participar das relações sociais e experienciar as plataformas de ensino remotas.

Sobre a seleção das instituições ou professores privados em que ocorriam as aulas de *ballet* clássico e realizar a observação participante, busquei aulas de *ballet* que estavam ocorrendo no diferentes formatos *on-line* devido a condição de isolamento social. Foram selecionadas: a escola Maria Bailarina localizada no Rio Grande do Sul, em que oferecia aulas no formato híbrido (semipresencial, no qual poucos bailarinos estavam no estúdio de dança e os demais participando das aulas por transmissão de chamada de vídeo) pela plataforma *Google Meet*, onde participei de quatro aulas com a professora Denise Pacheco. Além disso, selecionei a escola *Ballet Concerto* localizada no Rio Grande do Sul onde participei de duas aulas que eram oferecidas aulas no formato de transmissão ao vivo pela plataforma *Instagram*, onde as aulas oferecidas pela professora Victória Milanez ocorreram presencialmente na escola com máximo de seis bailarinos no estúdio. Adicionado a estas, selecionei as aulas particulares do professor Ronaldo Mansur localizado em Minas Gerais, que ocorreram pela plataforma *Google Meet* e *Zoom*, com todos os bailarinos acessando a aula de maneira *on-line* (cada um em sua casa), onde acompanhei quatro aulas. Ainda selecionei as aulas do curso patrocinado pela Lei Aldir Blanc da professora Marina Alves de Minas Gerais, também oferecidas no formato completamente *on-line*, onde acompanhei duas aulas. Por fim, selecionei as aulas gravadas de Jurgita Dronina, bailarina do English National Ballet, e José Alves, bailarino do Ballet Black, ambos de Londres na Inglaterra, onde acompanhei uma aula de cada um no formato de aula gravada disponíveis pelo *instagram*.

Nestes locais ‘virtuais’ e presenciais de ‘dentro da minha casa’ que vivenciei as aulas acima mencionadas e coletei os dados para esta pesquisa.

### 3.1.1 Modelos selecionados de aulas de *ballet* clássico no ensino-aprendizagem remoto

Sahin e Shelley (2020) determinam como síncronas aulas que ocorrem simultâneas à sua transmissão, e as aulas assíncronas como aulas gravadas, que ficam disponíveis para os alunos a acessarem a qualquer momento. Nesta pesquisa encontrei quatro modalidades de ensino que derivam destes modelos utilizados pelos autores, expressos no organograma a seguir:



**Figura1. Organograma criado pela autora referente aos modelos de ensino remoto nas aulas de ballet clássico investigadas nesta pesquisa**

Dentro das aulas síncronas foram observadas aulas que possuem interação com o professor (onde o professor possa observar e oferecer *feedback* aos alunos) e aulas em que não há interação ou ela ocorre de forma mínima (através de troca de mensagens e comentários na transmissão, mas sem que o professor possa ver ou ouvir os alunos).

As aulas transmitidas em formato de *live* através dos aplicativos *Instagram* e *Youtube*, os alunos de casa poderiam ver a aula que ocorriam presencialmente e repeti-la em casa sem interação com o professor.

As aulas híbridas ocorreram diante do afrouxamento das medidas de isolamento social, dado ascensão do número de vacinados, nelas haviam alunos presentes presencialmente e alunos que a acompanhavam de forma virtual, o professor interagiu com ambos.

As aulas completamente virtuais ocorreram principalmente em momentos de

*lockdown*, dado o elevado número de casos de internações, mas também perduraram após os afrouxamentos das medidas sanitárias. Nelas o professor acompanhava todos os alunos virtualmente.

Já nas aulas assíncronas, não há interação com o professor (ou ela ocorrerá a longo prazo, tal como deixar um comentário ou dúvida nos comentários do vídeo e o professor responder posteriormente) desse modo o aluno pode acessá-la a qualquer momento.

### 3.2 Entrevistas

Entrevista, segundo Lakatos e Marconi (2003, p.195), é definida como “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”. Para Fortin na pesquisa etnográfica a entrevista tem a função de questionar “seus interlocutores a fim de melhor observar como o contexto cultural ajuda a compreender a produção artística e vice-versa” (2009, p 80).

A partir do momento que fui me familiarizando com os participantes das aulas convidei os bailarinos para participarem das entrevistas de modo voluntário. Deste modo, entrevistei sete participantes das aulas que acompanhei, e registrei suas experiências.

Os bailarinos que contribuíram com essa pesquisa foram: Agda Gabriela Alvim, entrevista, 01 de dezembro de 2021 (Bailarina participante da aula do professor Ronaldo Mansur). Vinícius Soares, Entrevista, 06 de dezembro de 2021 (Bailarino participante da aula dos professores Ronaldo Mansur e Dóris). Laíse Almeida, entrevista, 23 de dezembro 2021 (Bailarina participante das aulas assíncronas e do curso com a prof<sup>a</sup> Marina e aulas da prof<sup>a</sup> Dóris). Josimáteus Silva, entrevista, 24 de dezembro de 2021 (Bailarino participante das aulas assíncronas e da professora Dóris). Isabela entrevista, 28 de dezembro de 2021 (Bailarina participante das aulas da escola Maria Bailarina). Marina Arenhradt Sachet (2022), entrevista, 01 de janeiro de 2022 (Bailarina participante das aulas do Ballet Concerto). Dante, entrevista, 22 de janeiro de 2022 (Bailarino participante das aulas do Ballet Concerto)

As entrevistas foram realizadas por mim através de encontro com os entrevistados pelo *Google Meet*, baseada no roteiro de entrevista semi-estruturada criada por mim, a fim analisar o impacto da prática do *ballet* clássico em plataformas *on-line* no contexto de isolamento social.

As perguntas elaboradas basearam-se nas sensações dos alunos em contato com a ressignificação do ambiente domiciliar e suas adaptações necessárias para o ensino remoto,

inclusive sobre a influência deste no alinhamento corporal dos bailarinos. Questões próprias do processo de aprendizagem envolveram a memória, atenção, relações entre professor-aluno e aluno-aluno. Neste sentido questionei os benefícios e dificuldades percebidos pelos bailarino neste processo. Inclusive questionei também a plataforma utilizada pelos bailarinos, focando em quais as modalidades de ensino eles participaram. Esta pergunta visou detalhar como os bailarinos se sentiam nessas aulas emocionalmente, visto a constante ansiedade gerada na sociedade devido ao contexto de isolamento social.

As vivências dos entrevistados foram relacionadas com os dados coletados por mim, das vivências em aula, no meu diário de campo, bem como serviram para analisar a bibliografia selecionada para essa pesquisa. Importante destacar que todos os participantes desta pesquisa aceitaram que seus nomes fossem publicados.

### **3.3 Aprovação Comitê de Ética**

Como a presente pesquisa envolve seres humanos, esta encontra-se registrada com todos seus detalhes desde 18 de junho de 2021 no Conselho Nacional de Saúde - Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP. As instituições selecionadas para esta pesquisa assinaram o termo de aceite para que a pesquisa fosse realizada nos estabelecimentos conforme orientado pelo Comitê de ética da UFV através da Plataforma Brasil.

Além disso, todos os entrevistados também assinaram Termo de consentimento Livre Esclarecido, o qual explicou os objetivos, aspectos metodológicos e como a entrevista seria realizada e os dados desta pesquisa seriam armazenados e tratados. O termo de consentimento livre e esclarecido, e carta de autorização das instituições de dança, as quais foram assinadas por todos participantes desta pesquisa encontram se nos appendix I e II aprovados pelo Comitê de Ética da UFV-Plataforma Brasil; CONEP. No próximo capítulo apresento os achados provenientes das observações-participantes do campo e entrevistas com os bailarinos sobre as aulas de *ballet* clássico *on-line* em tempos de pandemia.

## 4 EXPERIÊNCIA DOS BAILARINOS NAS AULAS VIRTUAIS DE *BALLET* CLÁSSICO

Neste capítulo desenvolvo as análises da pesquisa baseada nas fontes etnográficas e auto-etnográficas provenientes das aulas de seis professores, sejam estes 1) Aulas privadas em grupo do professor Ronaldo Mansur-MG, 2) Curso patrocinado pela Lei Aldir Blanc com a professora Marina Alves-MG, 3) Aulas turma de *Ballet* Clássico da Graduação Bacharelado Dança Universidade Federal de Viçosa-MG da professora Doris Dornelles, 4) Aulas privadas em grupo Escola Maria Bailarina-RS da professora Denise Pacheco, 5) Aulas privadas em grupo Escola *Ballet*Concerto-RS da professora Victória Milanez, e 6) Aulas selecionadas gravadas com Jurgita Dronina, bailarina do English National *Ballet* e José Alves bailarino do *Ballet* Black (Londres-Inglaterra). A seleção destas aulas gravadas com os bailarinos Jurgita e José foram no sentido de complementar minha fonte auto-etnográfica de pesquisa visto que fisicamente não poderia estar em outra cidade ou estado ou país. Porém com a pandemia de Coronavírus bailarinos e professores de várias partes do planeta disponibilizaram suas aulas de *ballet* clássico *on-line*.

Esta disponibilização gratuita de aulas de *ballet* clássico *on-line* (liveou gravadas) foi um movimento social de empatia entre os bailarinos e professores mundialmente que ajudou os profissionais e também amadores e estudantes a se manterem em forma física e mental para esta profissão artística. Vários bailarinos de diversas partes do país participaram desta pesquisa (aproximadamente 34 bailarinos), porém realizei entrevistas com sete dos bailarinos destas aulas selecionadas.

Neste capítulo de análise, além destas informações das fontes etnográficas, discuto também como minha experiência pessoal auto-etnográfica, nestas aulas contribuiu para minha compreensão do campo sobre as aulas de *ballet* clássico *on-line* em locais diversos através de plataformas de comunicação e transmissão diferentes em tempos de pandemia. A fim de analisar a influência desta modalidade de ensino nos corpos e o aprendizado dos bailarinos, eu selecionei as principais categorias de análise que sobressaíram na coleta de dados para serem discutidas a seguir.

Os seis principais fatores foram observados a partir da experiência dos bailarinos participantes desta pesquisa e também da minha participação nas aulas como bailarina no formato das aulas de *ballet* clássico remotas (via plataformas *Google Meet*, *Zoom*, *Instagram* e *Youtube*) durante o segundo semestre de 2021. Como exposto anteriormente, tais experiências através de observações e participações nas aulas foram registradas em um diário

de campo ao final de cada aula. Além disso, os participantes colaboraram com suas percepções das aulas através das entrevistas. A seguir, eu exploro as categorias referentes às relações que ocorreram nesta modalidade de ensino-aprendizagem.

#### **4.1 Dicotomia: estar sozinho no espaço físico e acompanhado no espaço virtual**

Os participantes das aulas (síncronas e assíncronas) de *ballet* nesta pesquisa estavam em ambiente domiciliar, conectados a aula virtualmente. Nas entrevistas e em minhas participações em aula percebi o quanto o/a bailarino/a estava realmente ‘sozinho/a’ durante as aulas, pois cada bailarino era o único participante no ambiente físico para fazer a aula, diferente das aulas de *ballet* presenciais que normalmente ocorrem em grupo no mesmo espaço físico.

Entendendo que a aula *on-line* se passa não só no ambiente físico, mas também no ambiente virtual, explico a seguiras quatro modalidades de ensino *on-line* que pesquisei. A primeira modalidade é a aula síncrona que ocorre com todos os participantes presentes de forma *on-line*, ou seja, a aula ocorre em tempo real com participantes em diferentes lugares *on-line*. Neste caso, o professor observa e se direciona apenas aos alunos presentes naquela plataforma em determinado horário. As principais plataformas utilizadas nesta pesquisa para acessar este tipo de aulas foram *Google Meet* e *Zoom*. Nesse modelo, o professor pode observar os alunos, aplicar correções, relembrar o exercício durante sua execução. As correções do professor ocorreram através de metáforas, sem o uso do toque. Por exemplo, como registrei na aula virtual do Ronaldo Mansur, "o professor utiliza palavras que auxiliam no acionamento de certas forças no corpo, além de utilizar objetos para simbolizar as forças que deveríamos utilizar" (Diário de campo, 20/10/2021).

Embora estejamos sozinhos no espaço físico, poder conversar, receber correções, tirar as dúvidas, poder pedir ao professor para repetir o exercício, são questões que faziam com que não me sentisse sozinha na aula; embora eu estivesse sozinha fisicamente. Isso foi um fator também salientado por alguns dos bailarinos desta pesquisa (entrevista Isabela, 28/12/21; Marina 01/01/21; Agda 01/12/21). Ter o compromisso de entrar em determinado horário para acessar a sala *on-line* também motivou, estes bailarinos e a mim, a manter certa regularidade na participação das aulas.

Outra questão, é que apesar de ter outros colegas na sala virtual, era muito difícil observá-los. Sathler explica que “o modo de exibição de galeria, onde todos os participantes da aula aparecem, desafia a visão central do cérebro, forçando-o a decodificar tantas pessoas

ao mesmo tempo que ninguém chega a perceber realmente o outro de forma significativa”(2021, p. 3). Desse modo, durante a aula se priorizava a câmera do professor, a menos que em determinado momento o professor pedisse para que priorizasse a câmera de algum bailarino. Sendo assim, durante a aula o foco visual era principalmente ‘apenas’ no bailarino e no professor.

Lopes (2020c) aponta a observação do professor e dos colegas como algo importante no processo de aprendizagem. Para esta autora a observação tanto do professor quanto dos outros colegas em aula torna-se fundamental no aprendizado dos bailarinos. Pensando nisso, inicialmente imaginei que a dificuldade de visualizar os colegas eventualmente traria um déficit na aprendizagem do bailarino.

Ao contrário, para um dos bailarinos participante da aula síncrona via *Google Meet* e *Zoom* essa experiência o afetou de uma forma positiva, visto que no ensino presencial, ele se comparava muito aos colegas:

Aqui na forma *on-line* funciona um pouco diferente, porque eu estou sozinho, mas não estou sozinho... eu tenho companheiros de aula, mas como a gente disse na plataforma você prioriza a câmera. Então, às vezes você nem sente que a pessoa está ali, e às vezes essas presenças estão no *on-line*, todo mundo junto na mesma página da *internet*, todo mundo junto com a câmera ligada, mas nem sempre todo mundo se olha [...] a câmera está ligada, mas o foco é no professor nos observar e não de um observar o outro, isso dá menos margem para esse sentimento de comparação (Vinícius, entrevista, 06/12/21).

A bailarina Agda complementa trazendo algumas questões sobre não ter a presença física de outras pessoas em aula: “Eu fico mais concentrada naquilo que eu estou fazendo, dos estímulos que eu tenho em volta - que seriam as outras pessoas. Mas, se você esquece o que está fazendo você se ‘ferra’, por que não tem outra pessoa para copiar” (entrevista, 01/12/21).

A segunda modalidade foi o ensino síncrono híbrido (semipresencial). Em dado momento, no final de 2021, em que a pandemia estava um pouco mais branda, iniciou-se o retorno de algumas atividades presenciais com a ascensão do número de pessoas vacinadas, e queda no número de infectados e óbitos diários devido ao Coronavírus. Houve também uma adaptação do modelo das aulas presenciais. Visto que não era possível retornar às aulas com um grande número de alunos, ou mesmo por uma condição de algum aluno estar distante da cidade em que a aula era oferecida (que foi o meu caso), houve a necessidade de se manter em isolamento social devido à contaminação pelo vírus por uma pessoa próxima, por motivo de comorbidades, entre outros.

Essa modalidade de ensino semipresencial, em que parte dos alunos estavam no estúdio e parte em casa, todos realizando a aula, fez com que alguns bailarinos e eu

sentíssemos como parte da aula. A sensação era quase como estar no estúdio na aula junto às outras pessoas, embora muitos bailarinos estivessem sozinhos no espaço de nossas casas. A professora e os alunos da sala constantemente interagiam com o computador ou celular em que a imagem era projetada. Para mim estes aparelhos tecnológicos eram como uma extensão do meu corpo que me permitia estar presente naquele espaço, ainda que virtualmente.

A experiência da aula semipresencial foi intensa e mais interativa para mim, pois os sons da sala, da conversa dos alunos, me faziam realmente sentir que estava naquele ambiente, e não em minha casa. Fiz um registro de uma experiência em que as alunas foram convidadas para assistir um ensaio de outra turma, e pude acompanhar junto a elas:

Hoje a aula foi para mim uma experiência imersiva, pude conhecer um pouco do estúdio em que estava fazendo aula, pude assistir um ensaio de uma dupla de bailarinos que se preparavam para uma apresentação. Conversamos um pouco sobre essas pessoas e suas experiências de vida, eu me sentia parte da turma e não apenas como se fosse parte somente o celular na mão da professora, mas como espectadora e participante da aula (Diário de campo, 25/10/21).

Porém uma das bailarinas que assistiu às aulas nessa modalidade não teve uma experiência tão positiva, pois para ela esses momentos de conversa foram difíceis de ouvir através do meio tecnológico em que ela estava usando. Ela relata que:

O sentimento que eu tinha no semipresencial - quando eu estava no virtual, é que as pessoas conversavam e estavam se divertindo [presencialmente] e eu ficava lá parada. Porque no momento da conversa não tinha exercício e para mim também não tinha conversa, parecia que eu estava muito isolada, bem diferente de quando está todo mundo no virtual, quando as pessoas conversavam, todo mundo participava (Isabela, entrevista, 28/12/21).

A terceira modalidade de aula que selecionei para esta pesquisa foi dentro do formato síncrono através de transmissão da aula pelo *Instagram*. Nesse formato de aula, um dos bailarinos, o Dante, por exemplo, disse que não quis ‘fazer a aula do *Instagram*, pois não tem a resposta do professor’ (entrevista, 22/01/22). No meu caso, também me senti completamente sozinha em casa, pois não havia essa interação com o professor. Este fato me desmotivou durante a aula, e me fez sentir com menos energia. Com relação a este exemplo sentido por Dante e por mim, Koullass (2020) explica que quando o indivíduo tem em mente que está sendo observado ele muda seu comportamento, seu estado corporal, sua presença.

Outro fato que muitas vezes reduzia a motivação dos bailarinos foi o formato de aula, que foi adaptado da aula presencial para remota, e por este motivo muitos exercícios não eram possíveis de realização no ambiente de casa (sem piso, espaço físico adequado, espelho, barra,



entre outros). Uma das bailarinas, Marina, fez tais aulas e não se sentiu ‘tão à vontade com essa ausência [do professor], mas para ela era melhor do que nada’ (entrevista, 01/01/22).

Outra grande dificuldade que tive foi quando o vídeo congelava e saltava para a próxima tela com muita frequência devido a qualidade da conexão. Quando isso ocorria eu não podia pedir à professora para repetir algo que eu não havia entendido, e nem ser corrigida por ela, o que certo dia me levou a me lesionar enquanto tentava realizar um exercício (Diário de campo, 22/09/21). Porém nos exercícios que eu não podia fazer devido ao meu espaço, eu podia assistir os bailarinos da sala fazendo, e isso me ajudou a entender melhor determinados movimentos principalmente no que diz respeito a qualidade e expressividade de movimento. Foi um grande aprendizado poder ver as correções aplicadas aos outros alunos. Dessa forma eu podia me corrigir a partir do *feedback* oferecido aos colegas.

Esse sentimento foi parecido com o de uma das bailarinas, quando ela fez as aulas pelo *Instagram* - de maneira presencial e virtual. Ela comenta sobre sua experiência com esse modelo de ensino:

Para quem está no presencial eu achei um formato de *live* [em que o bailarino está na sala sendo gravado] ótimo por que depois eu posso assistir toda minha aula, olhar e me corrigir e tudo mais. Mas quando eu tive que fazer as aulas *on-line* [em que o bailarino está na sua casa participando ao mesmo tempo da aula virtual], (eu achei meio ruim) por que é como se tu tivesses assistindo a aula (...) é uma aula gravada que está acontecendo ali, não tinha uma interação tela/presencial, achei um pouco vago, mas melhor do que nada (Marina, entrevista, 01/01/21).

Dante, outro bailarino da mesma escola, comentou a sua opção por não fazer essa modalidade, para ele

a aula no *Instagram*, na verdade é uma transmissão, que não tem muito uma troca com o professor, pelo menos das que eu assisti, então acabei não me interessando por que para mim como aluno, gosto de ter a troca com o professor, de ter a resposta, a correção (entrevista 22/01/21).

A quarta modalidade de ensino foi às aulas assíncronas gravadas disponíveis em plataformas como *Youtube* e *Instagram*. Nessa modalidade, o/a bailarino/a está completamente sozinho/a, sem feedback do professor, em horário diferente do qual a aula foi realizada. Por isso, na minha experiência foi muito difícil manter um compromisso comigo mesma para acessar às aulas em determinado momento sem ter acompanhamento do professor e de outros/as bailarinos/as em tempo real, como se eu precisasse de validação social, e a presença de um grupo de pessoas me motivava para participar da aula. Na minha experiência e de alguns bailarinos desta pesquisa, esta modalidade de ensino estimulou pouco a realização de autocorreções, de se manter ativo durante a aula, e não permitiu a motivação do professor em

forma de troca/diálogo ao mesmo tempo na plataforma virtual. Nesta modalidade de aula o bailarino/a pode encerrar a aula em qualquer momento sem a validação do professor.

A bailarina Laíse explicou como a ausência do professor nesse momento modificou seu aprendizado em aula:

Uma dificuldade que é bem geral e acho que todo mundo deve ter sentido, é a insegurança de você estar fazendo o exercício certo ou não. Principalmente eu que fiz aula gravada, eu tive que prestar muito mais atenção no que eu estava fazendo, para ver se estava certo ou errado por que não tinha nenhum professor presente para poder me corrigir no bom sentido da palavra (Entrevista, 23/12/21).

Embora cada uma dessas modalidades de ensino tenha suas próprias particularidades, uma questão em comum deve ser observada: o espaço domiciliar e as adaptações necessárias que os bailarinos tiveram que fazer para acompanhar essas modalidades de ensino foram muito diferentes das questões presenciais. Além disso, o bailarino/a teve oportunidade de vivenciar diferentes formas de ensino-aprendizagem que talvez possam se complementar. Por exemplo, prestar mais atenção no movimento que está realizando não é necessariamente algo negativo. Este fato propicia o desenvolvimento da atenção motriz do bailarino, e pode de certa forma ser benéfico para quando ele retorna ao estúdio para fazer aula de *ballet* presencial. Contudo, os bailarinos apontaram, em geral, sentir falta da presença dos colegas e do professor ao mesmo tempo, situação a qual foi facilitada por algumas plataformas de comunicação virtual (registradas nesta pesquisa através do *Google Meet* e *Zoom*).

A próxima categoria que irei analisar refere-se ao espaço onde a aula se realiza.

## 4.2 Espaço

Como explicitado na introdução e capítulo 1 desta pesquisa, com o objetivo de participar desta modalidade de aula de *ballet* clássico remota/virtual, os bailarinos tiveram que adaptar o ambiente domiciliar com intuito de criar espaço livre para a movimentação requerida na aula. Neste cenário, os bailarinos adaptaram seu espaço pessoal transformando-o em espaço de aprendizado e trabalho.

Mudar móveis de lugar, colocar linóleo no chão, utilizar, por exemplo, uma cadeira, mesa, ou janela como apoio ao invés da barra utilizado no estúdio, foram alguns dos ajustes feitos no espaço físico dentro da casa dos bailarinos que participaram desta pesquisa. Apesar do esforço, durante as aulas de *ballet* remotas os alunos participantes da aula, se encontravam fisicamente separados, com cada um sendo responsável pelas adaptações de seu próprio

ambiente. Dessa forma, essa modalidade de aula de *ballet* necessitou do professor um olhar apurado, para que ao elaborar seu plano de aula considerasse previamente as particularidades do espaço de cada aluno.

Silva e Marcílio (2020) apontam que:

Elementos estruturais como iluminação, cheiro, barulhos, dimensões dos ambientes, mobiliário e conforto térmico influenciam em como nos sentimos nos ambientes, nas dinâmicas do habitar e nas relações intersubjetivas, podendo nos deixar mais ansiosos, angustiados e desconfortáveis em nossas casas.

Entendendo a influência do entorno arquitetônico sobre as emoções e corpo dos participantes, analiso a seguir; quais as influências da mudança estúdio/dentro de casa, e como as alterações necessárias feitas no ambiente da casa, como a falta de infraestrutura adequada para a prática do *ballet* clássico causaram diferenças sociais que afetaram corpo fisicamente e emocionalmente. Por exemplo, em alguns casos estas situações de adaptação provocaram certo desconforto aos bailarinos por não possuírem estrutura adequada nem ambiente privado para as suas participações nas aulas.

No meu caso, modifiquei o espaço de uma loja dos meus pais que fechou devido a pandemia do Coronavírus. Busquei ampliar o espaço ao máximo, afastando todos os móveis para ter espaço livre para fazer a aula sem me preocupar em esbarrar em algo e me lesionar. Porém, diferente da minha situação, alguns participantes relataram estarem em um cômodo que não permitia movimentos de grande amplitude (Entrevista, Isabela 28/12/21; Vinícius 06/12/21; Agda 01/12/21). Um dos bailarinos pesquisados salientou que a questão do espaço "não tem como não ser perceptível essa mudança, pois o estúdio do departamento [da universidade de dança que ele cursa] era enorme. Por mais que eu não seja muito fã de deslocar, havia espaço para isso" (Vinícius, entrevista, 06/12/21).

Conforme Koullass (2020), no começo da aula podemos substituir a barra com o apoio de uma cadeira ou balcão, mas à medida que a aula avança para exercícios de centro, como grandes saltos, o espaço se torna um desafio. Neste sentido, uma das bailarinas comentou como essa diferença entre o espaço do estúdio e o espaço de casa influenciou na sua consciência da amplitude das movimentações que realizou. A seguir ela detalha tal experiência:

Eu comecei a prestar mais atenção no espaço que eu tomava para fazer os exercícios, porque na escola você tem espaço, mas em casa tem um sofá de um lado, a mesa de outro lado, um monte de coisa [objetos]... eu comecei a perceber o espaço que o meu corpo tomava para fazer os exercícios (Isabela, entrevista, 28/12/21).

Um dos professores participantes desta pesquisa, Ronaldo Mansur, exemplificou em suas aulas como se dá a diferença entre a influência da amplitude de movimento e a utilização do espaço geográfico. Neste caso, ele comentou a dificuldade que uma das bailarinas apresentou para realizar amplamente os movimentos em espaço restrito, como segue:

Eu estava fazendo [aula] nesse quartinho do piso vinílico e tem a estante, automaticamente quando vou fazer um *arabesque*, o próprio braço do *arabesque* - não é nem a perna - o braço já vai mais para baixo, o olhar já é mais para baixo. Daí quando eu fiz na sala da casa dos meus pais, que é um lugar bem amplo, ele falou na hora ‘nossa como faz diferença’. Isso porque além de ser um lugar amplo, é um lugar de vidro então dava para eu ver tudo lá fora. E aí o braço vai alto, essa parte aqui [tronco] cresce mais, fez muita diferença. O Ronaldo que falou, eu não tinha percebido (Agda, entrevista, 01/12/21).

Por outro lado, a bailarina Isabela explicou sua percepção sobre a influência do espaço na sua amplitude de movimento quando mencionou que “já sabia que quando eu fosse fazer uma coisa para trás, naquele lugar em que eu estava ou eu não podia levantar muito a perna, ou eu tinha que ir para frente por que eu já sabia que minha perna ia bater no armário de trás” (entrevista, 28/12/21).

A questão do espaço na aula de *ballet*, além de influenciar a amplitude do movimento, para outra bailarina afetou a sua ‘entrega’ na realização do movimento pelo fato de estar no espaço físico ‘sozinha’. Marina S. comentou suas sensações: “o fato de você estar em um lugar próprio para isso permite você ir mais ao todo, ir até o final. Foi uma coisa que em casa eu sentia que eu não fazia tanto, por causa do espaço e também por que era só eu com meu computador; então não tinha aquela presença de fato, alguém na tua frente” (entrevista, 01/01/22).

Fora a questão do tamanho do espaço, eu e os demais bailarinos que fizemos as aulas em que participei para essa pesquisa, percebemos o quanto sentimos falta de itens que fazem parte da estrutura estúdio de dança. Itens como a barra, colchonetes, em alguns casos elásticos *Theraband*, espelhos, pisos adequados de madeira e por vezes com linóleo, são exemplos de suporte a técnica do bailarino que alguns estúdios possuem, porém que não fazem parte das casas dos bailarinos. Importante salientar que com o decorrer da pandemia nos anos de 2020 e 2021, até a presente data, muitos bailarinos adaptaram seus espaços conforme suas possibilidades financeiras e em função da quantidade de pessoas que habitam dentro de suas casas.

Considerando esta questão, por exemplo, a barra é um item fundamental na aula de *ballet* clássico tradicional em que aproximadamente 45 minutos ou mais são despendidos

fazendo exercícios utilizando-a. A barra é um varão que serve como um suporte, podendo ser fixo ou móvel. Os exercícios que são feitos na barra são uma preparação para aquilo que será feito no centro, e posteriormente transformado em passos coreografados.

Em minha pesquisa de campo, algo comumente relatado nas entrevistas e que eu pessoalmente senti foi a falta de uma barra adequada para o trabalho nas aulas de *ballet*. Para obter algum suporte na realização de exercícios, utilizei do apoio de uma cadeira e nas primeiras aulas que fiz isso me trouxe um estranhamento, conforme registrei: “sinto uma desorganização no corpo devido a ausência da barra” (diário de campo, 26/06/2021). No meu caso eu percebi que a cadeira que usei era muito instável e quando eu não tinha um bom controle da minha movimentação, eu me desalinava.

À medida que avancei na prática em casa, passei a observar um fator positivo nessa instabilidade quanto ao suporte da barra, ela me forçava a ter um certo nível de independência: “comecei a perceber isso como algo positivo. A ausência da barra me força a perceber meu eixo e possibilidades de encaixe, se eu não me alinhar a cadeira me derruba, algo que eu só percebia no ensino presencial quando intencionalmente soltava a barra durante o exercício” (diário de campo, 09/08/21). Essa percepção certamente foi possível dado o tempo de prática prévio ao ensino de ballet, outros participantes que também haviam um tempo de prática com *ballet* anterior as aulas remotas, tiveram essa percepção, assim como comenta um dos bailarinos:

É mais difícil você ter um ponto de apoio estável, um ponto de apoio que traga mais facilidade nessa estabilização e no acionamento das musculaturas necessárias. Então, pensando nas aulas presenciais, eu lembro que se eu tivesse dificuldade eu poderia segurar em uma barra, dava para segurar com a mão toda. Eu sei que a intenção não é colocar toda a força na barra e sim ela ser um ponto de apoio, mas era mais fácil ter esse ponto de apoio lá, aqui é complicado. Ao mesmo tempo isso te desafia a pensar em como você vai conseguir essa estabilidade a partir desse objeto que você usa que não serve para isso (Vinícius, entrevista, 06/12/21).

A bailarina Isabela utilizou como apoio um armário que tinha uma altura de suporte inferior onde sua mão deveria apoiar em relação a sua estatura. Ela comentou em entrevista como lidou com essa situação:

Quando eu ficava em pé a minha mão encostou só a pontinha [dos dedos] então quando eu subia na meia ponta, eu tinha que segurar na prateleira de cima [...] eu começava a me testar [pensando] eu vou fazer o exercício tentando não segurar a barra por que se eu for me apoiar muito, eu sei que eu vou ficar torta, eu tentava achar outros apoios no armário para eu não cair para cima dele (Isabela, entrevista, 28/12/21).

Os bailarinos que tiveram acesso a uma barra em casa também fizeram algumas observações. Para Marina S. (01/01/22) ter uma barra em casa era uma coisa que a ajudava a vir para a realidade, "está aqui a minha barra, vamos fazer aula". Já a bailarina Laíse comentou "como é importante em alguns exercícios você ter espaço na barra, você ter uma barra longa. Até a minha barra, eu tinha dificuldade, porque às vezes eu começava o exercício no meio da barra e na hora que eu via, eu tinha que chegar para trás para continuar fazendo o exercício" (Laíse, entrevista, 23/12/21).

Quanto à utilização da barra, em algumas aulas transmitidas pelo *Instagram*, quando havia exercícios em que os bailarinos se 'penduravam' na barra (puxando-a), os bailarinos que estavam em casa não conseguiam realizá-lo, dado a instabilidade do objeto utilizado. Já a professora Denise Pacheco nas aulas semipresenciais, ainda que as aulas fossem transmitidas em um estúdio de *ballet*, usou de alternativa para este problema a sugestão aos bailarinos de 'substituírem' a barra por uma cadeira para realizar os exercícios, pensando em mantê-los possíveis de execução para quem está em casa e eliminando movimentações que precisassem de barra fixa.

A falta de outro item da estrutura de uma sala de *ballet* que trouxe questões importantes para os participantes desta pesquisa foi a ausência de um chão adequado para a prática de dança. Por exemplo, o piso do espaço em que eu fazia aula era um piso de cerâmica, liso e bem escorregadio, e isso me causava muita instabilidade e possibilidade de lesões (Diário de campo, 20/10/21). Muitas vezes registrei dificuldade de encontrar um calçado adequado para a prática no chão liso, pois a sapatilha se tornava muito escorregadia. Como bailarina, percebi que para fazer exercícios de centro nas aulas de *ballet* em casa "o chão é um fator influente, e não achei um calçado que se adeque ao chão da minha casa. Isso se tornou um problema para realizar exercícios como a pirueta" (diário de campo, 20/10/21). Este fato me fazia ter medo de dar o impulso para o giro, gerando instabilidade, dificultando a realização do movimento.

A questão da textura do piso muito liso para realização da aula, influência no *en dehors* do bailarino. Em minha participação nas aulas para esta pesquisa notei que "a ausência do atrito com o chão, permite que os pés se fechem aos poucos" (diário de campo, 26/06/21). Nestes casos é necessário gastar ainda mais energia para manter as posições em *en dehors*. A participante Marina S. (01/01/22) comentou sobre esse fato: "por não ter o breu, eu sentia o *en dehors* sendo trabalhado de fato, o *en dehors* verdade. Porque o breu dá uma 'ajudinha', dá para abrir uma primeira posição significativa, então como não tinha, precisava olhar para a verdade nua e crua" (Marina S., entrevista, 01/01/22).

Outra bailarina relatou sentir o chão mais “duro” para executar saltos:

Eu sentia muita dificuldade em fazer séries maiores de pulos [saltos na parte final da aula], pois chegava uma hora que meu calcanhar estava doendo e não era por que eu estava caindo com o calcanhar [...]Eu não conseguia mais pular tão alto porque não tinha como ficar pulando naquele piso. Exercícios como *Rond de jambe*, eu rasguei muitas meias por ficar arrastando meu pé no tapete (Isabela, entrevista, 28/12/21).

Uma das questões relativas ao espaço foi a presença do espelho, e sua ausência influenciou tanto de forma positiva quanto negativa na realização dos movimentos dos bailarinos em aula remota. Durante as minhas experiências em aula senti que “a dificuldade de assistir os colegas e a ausência do espelho fez com que eu me sentisse mais confiante. Pois eu me comparava menos aos colegas, e também não me julgava tanto enquanto fazia os exercícios, o que fez com que a minha atenção se voltasse para o meu próprio corpo” (Diário de campo, 16/09/21).

Um dos bailarinos descreveu percepção semelhante a que eu senti em aula:

Eu acho que o espelho ajuda bastante também, para você mesmo ter aquela autoavaliação e autocorreção [...] dependendo muito da minha propriocepção, é uma jornada que, às vezes eu esqueço de acionar o abdômen, às vezes eu esqueço de relaxar os ombros, as vezes estou com o braço caído, então vai depender muito mais da visão e do *feedback* do professor, que está através de uma câmera, do que de você (Vinícius, entrevista, 06/12/21).

Por outro lado, o fato do bailarino não conseguir observar o próprio alinhamento no espelho também pode se constituir em algo positivo. Analisando as entrevistas com os bailarinos e minha participação nas aulas, notei que a ausência do espelho passa a demandar uma propriocepção muito alta do bailarino. Por mais que o professor auxilie o bailarino com as correções, sua visão através da tela oferece duas dimensões do movimento realizado, fato que não permite que ele visualize o corpo do bailarino como um todo. Oliveira et al (2021) apresentam que alguns autores apontam questões relacionadas ao *feedback* do professor como uma das limitações do ensino remoto. Fatores como o tamanho da tela na qual se transmite e participa da aula, angulação da câmera dependendo de como foi posicionada, e iluminação do ambiente, são apenas alguns exemplos de como o computador, TV ou celular podem interferir na percepção do professor e do bailarino na aula e conseqüentemente influenciar seu aprendizado corporal.

No caso das modalidades de ensino de *ballet* clássico *on-line*, como aulas gravadas assíncronas ou em formato de *livesíncrona*, não existe possibilidade da observação do professor sobre os participantes da aula. Em muitos casos os bailarinos também não possuem espelho para auxiliá-los nas correções propostas pelo professor. Estes fatores fazem com que

essa demanda por uma propriocepção e atenção do bailarino seja ainda maior como forma de autocorreção do que na aula de *ballet* presencial. Já a bailarina Laíse Almeida teve acesso a um espelho que refletia o seu corpo todo durante a aula em sua casa. Neste sentido ela comenta que “eu realmente achei que meu alinhamento melhorou bastante, mas eu acho que foi mais por causa do espelho, de ter essa oportunidade de estar me observando mais, do que numa sala de aula em si, que talvez nem tenha espelho” (Laíse, entrevista 23/12/21).

Um outro fator significativo neste estudo sobre o ensino remoto foi, em alguns casos, a grande distância entre a cidade em que os bailarinos estavam fazendo aula e a cidade em que a aula era oferecida. Em alguns momentos esse fator da distância entre as localizações físicas dos bailarinos e professor indicava um clima muito diferente entre os dois locais e nem sempre os professores tinham conhecimento da temperatura do ambiente dos outros alunos. Como relatei em meu diário de campo havia uma “diferença térmica entre a minha cidade e a cidade em que a aula estava sendo ministrada que era de 10° graus Celsius, então durante o aquecimento eu estava cansando e desidratando muito mais que os alunos que estavam na aula presencialmente” (Diário de campo, 12/08/21).

De modo geral, os participantes desta pesquisa não apontaram tanta relevância ao fator clima, porém durante as entrevistas surgiram algumas questões como comenta a Laíse: “[O clima] foi irrelevante, só teve uma aula que eu passei mal que minha pressão caiu por que estava muito quente onde eu estava” (entrevista, 23/12/21). Para a bailarina Marina S., quando estava entre cidades de pequena distância, o clima era um fator praticamente irrelevante, pois para ela costumava ser uma diferença muito pequena. Neste sentido, Marina comentou a diferença quando comparada às aulas *on-line* que eu fiz com o pessoal da Europa, lá eu notei diferença. Quando era inverno aqui, lá era verão então os exercícios eram mais curtos, era tudo mais rapidinho assim. Daí eu sentia que o corpo não ficava muito preparado” (entrevista, 01/01/22).

Além das questões físicas que o ensino remoto em ambiente domiciliar provoca, ele também possui um impacto nos processos de ensino-aprendizagem do aluno, sobretudo em como se constrói o conhecimento nesse modelo de ensino. Um dos fatores importantes de discussão sobre como esse conhecimento se forma inclui o foco de atenção do bailarino na aula remota, categoria de análise que irei explorar a seguinte.



### 4.3 Atenção

O ambiente domiciliar se tornou, em muitos casos, um campo minado de distrações para o bailarino durante as aulas de *balleton-line*. Pequenas pausas, pessoas e animais de estimação em casa passando na frente do computador ou sons provenientes do telefone e até externos ao ambiente são fatores que dificultaram manter a atenção durante a aula. Ao mesmo tempo, reconhecer a existência destas distrações e encontrar meios de conviver com elas fez com que os bailarinos dedicassem um nível muito maior de atenção em aula. Por exemplo, para muitos bailarinos a aula *on-line* requer mais atenção deles para decorar os exercícios, com intuito de não se perder no que está sendo proposto pelo professor. Estas aulas também promoveram um nível de atenção maior quanto a qualidade do movimento realizado - propriocepção do seu corpo.

Quando se fala em retenção do conhecimento, é importante considerar o que IversonLadewing afirma, que:

A aprendizagem de qualquer habilidade motora requer a seleção de informações que podem estar contidas no meio ambiente e/ou fornecidas pelo professor ou técnico. Para que esta informação seja retida, para posterior interpretação e possível armazenamento na memória de longa duração, o processo da atenção é fundamental. (2000, p. 62).

Durante a pesquisa, observei que durante as aulas ministradas que possibilitavam interação com o professor (as aulas semipresenciais e as completamente virtuais/*live* em tempo real/síncronas), havia uma grande necessidade do bailarino em prestar muita atenção nos exercícios propostos pelo professor. Para mim, como bailarina, era muito difícil conseguir visualizá-lo totalmente (no meu caso, um dos fatores que dificultava focar minha atenção era devido o fato que a maioria das aulas que acompanhei foi pelo aparelho celular - o qual permite visualização de somente uma pessoa em uma tela pequena). Principalmente por estar sozinha no ambiente, caso perdesse alguma parte do exercício, não havia como ‘copiar’, dessa forma a aula demandava um nível de concentração um pouco mais alto quando comparada ao estúdio ou aula gravada (na qual era possível parar, retornar, e fazer o exercício novamente).

A bailarina Isabela também comentou como sentiu essa mudança em sua atenção comparando o modelo presencial ao modelo *on-line*:

Foi uma coisa impressionante, porque não tinha fofoca e não tinha pessoas em volta, não tinha espelho. Eu me forçava muito mais a prestar muita atenção no que a professora tinha passado, para decorar bem o exercício, para eu conseguir fazer bem até o final, sem depender de ninguém (Isabela, entrevista, 28/12/21)

Outra bailarina comenta sobre a presença de diversas distrações em casa, e ao mesmo tempo ter a consciência do momento em que se está realizando e possuir o auxílio do professor, tornando difícil manter certo nível de concentração na aula, neste sentido ela comenta:

Quando eu estava na casa do meu namorado que é no centro da cidade, tem barulho, tem ônibus, tem gente passando de carro, mas não interfere na aula por que eu fico muito tranqüila de estar assim 'agora é o meu horário de fazer aula, e agora eu estou concentrada em fazer isso aqui'. E o Ronaldo é um cara que não deixa você dispersar muito, ele está sempre disciplinado, então isso conta muito (Agda, entrevista, 01/12/21).

Na minha experiência com as aulas remotas, quando a *internet* falhava/congelava a tela e/ou o exercício “saltava” ou a *internet* caía e demorava para retomar a aula, eu perdia a concentração do exercício, e toda minha atenção se voltava para resolver o problema de conexão (Diário de campo, aula 25/08/21). Ainda assim, com a presença do professor, caso eu conseguisse retomar a aula, eu poderia pedir para que ele repetisse o exercício. No entanto, até que eu conseguisse entender o que ele estava propondo aconteceu que a execução do exercício acabou pelos outros bailarinos presentes na aula remota.

Outro fator citado por Sathler (2021, p.3) é que “a divisão prolongada de atenção cria uma sensação desconcertante de estar esgotado sem ter realizado nada”. E dentro de casa é recebemos constantes estímulos que dividem nossa atenção, levando a uma sensação de queda de energia mais rápido.

Nas modalidades em que não há assistência do professor como nas aulas assíncronas (aulas gravadas e em formato de *live* gravada em tempo anterior a realização da aula), não havia a possibilidade desta retomada de atenção através da interação com o professor. Então mesmo que as aulas demandassem o mesmo nível de atenção ou um nível até maior, alguns bailarinos pesquisados consideraram muito difícil não dispersar (Entrevista, Laíse, 23/12/21; Josimáteus 24/12/21). Por outro lado, no meu caso, durante a modalidade de *live* em tempo real, pela impossibilidade de executar certos exercícios que demandam um grande espaço que eu não tinha em casa, eu parava para assistir os colegas. Quando eu percebia os exercícios que eu poderia fazer por causa do espaço, então eu havia perdido a concentração em meu próprio corpo, e passava a copiar os movimentos dos outros participantes.

Já nas aulas gravadas existe a possibilidade de pausar o exercício. A bailarina Laíse observou em sua experiência referente a atenção com a aula gravada quando comparada a aula síncrona que “era pior porque podia dar uma pausa na aula, então quando estava muito

cansada, ou quando acontecia alguma coisa, eu dava uma pausa na aula, dava uma viajada (distraída), e então eu voltava...” (Laíse, entrevista, 23/12/21).

Três bailarinos (entrevista, Marina, 01/01/21; Dante 22/01/21; Laíse 23/12/21) relataram ter mais dificuldade em manter a atenção no ensino *on-line* por existirem outros acontecimentos em casa que ocorriam simultaneamente à aula. Como relatou Dante, ao observar esse comportamento em si mesmo e também em seus alunos das aulas que ministrava:

Uma das grandes diferenças para mim é o aluno não focar ali, porque tem um universo em volta dele na casa, a louça para lavar, comida para arrumar, o sofá que está bagunçado, as interrupções. A minha atenção eu sinto muito mais displicente em casa, pelo ambiente também de casa, e por talvez o cérebro entender que ali é um lugar para relaxar. Você tem que estar com um certo tônus muscular para a aula e o cérebro quer relaxar (Dante, Entrevista, 22/01/21).

No meu caso, em alguns momentos eu pausava e ia resolver alguma questão em casa, e para retomar novamente a aula muitas vezes já havia saído do estado corporal e atenção necessário, já havia relaxado minha ‘presença na aula’ (Diário de campo, 09/11/21).

Considero importante o que Iverson Ladewing afirmou, que “a atenção exerce uma função muito importante na capacidade de retenção de informações relevantes, pois é através dela, associada aos processos de controle, que guardamos informações na memória de longa duração” (2000, p. 63). Desse modo, torna-se necessário estar atento às possíveis interferências durante a aula remota, de modo que não sejam um prejuízo a qualidade da aula e ao processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Procurar estar em um ambiente calmo, e ter uma conversa aberta com a família para organizar e ter privacidade no momento de aula, foram algumas das medidas tomadas pelos bailarinos para se ter o mínimo de interferência possível (Entrevista, Isabela 28/12/21; Agda 01/12/21). Outro fator importante relacionado à aprendizagem para além da atenção, refere-se à memória dos bailarinos, aspecto que exploro na próxima seção.

#### **4.4 Memória**

Segundo C.S.C. Sá e C.C. Medalha “é consenso que a memória humana não é uma entidade unitária, e sim uma composição de múltiplos sistemas independentes, mas interativos” (2001, p.2). Entendendo a memória dessa forma, é importante salientar que, o que ocorre no aprendizado durante o ensino remoto impacta não só em questões de corporalidade

do bailarino, mas também ressignificando seu processo de aprendizado inclusive, junto ao aspecto motor.

No ensino *on-line* há limitação da recepção do conteúdo aprendido referentes aos sentidos corporais, focando-se mais nos sentidos da visão e audição, enquanto sentidos de toque, por exemplo, são ignorados (base da relação ensino-aprendizagem entre professor e bailarino). A aula remota ocorre através de uma plataforma 2D que depende de boa angulação no posicionamento da câmera para uma boa visualização tanto do bailarino quanto do professor, e o som usualmente possui certo atraso ou ocorre com algumas falhas. Retirando outros aspectos da construção da aprendizagem, como o toque, a falta de interação sensorial diminui as possibilidades de aprendizado entre os alunos devido às limitações de interação impostas pela própria plataforma utilizada.

Em meus registros notei que a dificuldade de visualização do professor era um dos fatores que mais impedia a memorização dos exercícios (Diário de campo, 04/10/21). Caso não fosse possível visualizar algum movimento eu me perderia, ou era necessário pedir ao professor que movesse a sua câmera. Esse fator também influenciou muitos dos bailarinos pesquisados, os quais comentaram necessitar um maior esforço na manutenção da atenção devido a plataforma utilizada para participação nas aulas.

Embora essa dificuldade de visualização existisse, para o bailarino Dante havia um grande impacto da visualização do movimento na memorização dos exercícios entre o ensino remoto/*on-line*, conforme comentou:

Tem um grau de dificuldade a mais por estar enxergando a imagem do professor em 2d e não saber se a perna foi a frente ou foi ao lado [que executou o movimento], se foi a perna de dentro ou se foi a perna de fora no vídeo. É um pouco confuso, então traz uma dificuldade para memorizar a sequência. Mas tem uma diferença sim pela maneira visual em que a gente está vendo. (Dante, entrevista, 22/01/22)

Na modalidade de *live* em tempo real/síncrona, essa possibilidade não existia. Caso o bailarino não decorasse algo, ficaria sem fazer ou copiaria dos colegas. Na minha experiência nas aulas o fato de simplesmente ‘copiar’ alguns movimentos inusitados foi algo que me levou a um pequeno machucado no quadril em aula. Ao buscar a cópia simultânea eu não dei a devida atenção ao meu corpo, causando essa lesão e desconforto (Diário de campo 15/10/21).

Já a modalidade de aulas gravadas permitiu a possibilidade da repetição em quantas vezes forem necessárias ao bailarino, conforme comenta a bailarina Laíse:

O bom da aula *on-line* [gravada] é que eu podia ficar repetindo o exercício várias vezes, isso me ajudava a decorar o exercício em si, e também repetir a mesma aula.

Eu podia fazer a mesma aula de novo, e de novo, até eu decorar. É uma coisa que não era muito possível numa aula presencial, ou seja, você ficar repetindo um exercício que você tenha mais dificuldade para você tentar memorizar o exercício. (Laíse, entrevista, 23/12/21).

Ela ainda fala sobre o potencial da aula gravada ser utilizada como uma ferramenta no sentido de trabalhar exercícios em que possuísse dificuldade. Algo também mencionado por Oliveira *et al* (2021) visto que o fato das aulas ficarem disponíveis permite não só os alunos que não puderam acessá-la no momento da transmissão possam vir a assistir posteriormente, quanto aqueles que acompanharam possam revisar o conteúdo.

Para além da possibilidade de pausar e repetir o vídeo, plataformas como o *Youtube* ainda possuem a opção de mexer na velocidade do vídeo, podendo, por exemplo, executá-lo a uma velocidade menor, em que se pode ver como se constrói todo o movimento (Laíse, entrevista, 23/12/21).

É importante entender como se dá esse impacto de qual plataforma se escolhe para ministrar as aulas remotas/*on-line*, pois esta pode influenciar a memória corporal do bailarino. Levando em consideração o tempo de duração da pandemia, (já iniciamos o terceiro ano) com seus momentos de *lockdown* restrições sociais precisamos considerar a limitação do espaço nas aulas virtuais comparada com quando houver retorno às atividades presenciais nos ‘espaçosos’ estúdios. Tal mudança espacial poderá impactar vários fatores relacionados ao aprendizado dos bailarinos, como a memória.

Considero importante explicar aqui o conceito de aprendizagem definido por C.S.C. Sá e C.C. Medalha (2001), a aprendizagem é o processo em que os animais recebem informações pelo meio em que vivem já a memória se define como retenção dessas informações. Nesse processo de aprendizagem a atenção é um fator primordial no que diz respeito a captar essas informações Este fator tem grande importância no aprendizado dos bailarinos e mostra-se diferente no ensino virtual. Segundo os dados da minha pesquisa, os bailarinos comentaram que precisam se concentrar e prestar mais atenção para poder reter os movimentos em sua memória nas aulas *on-line* de *ballet* clássico.

Pela necessidade de entender as sensações diferentes provocadas no ensino remoto, essa será a próxima categoria analisada:

#### **4.5 Sensações**

Outra categoria de análise desta pesquisa sobre o processo de ensino-aprendizagem para o ensino *on-line* são as sensações que os bailarinos sentiram neste formato de aula.

Verifica-se que a ausência do toque nas aulas virtuais/remotas retirou um dos sentidos no processo de aprendizado do bailarino: o tato.

As bailarinas Laíse e Isabela (entrevistas, 23/12/21; 28/12/21) relataram ter sentido muita falta do toque, pois no momento presencial o professor diz ‘contraí tal músculo’ ou ‘puxa a perna para trás’ e muitas vezes o bailarino não entende a ativação ou a direção que está sendo indicada. Porém, estas bailarinas relatam sentir uma melhor compreensão quando o professor intervinha nas aulas presenciais através do toque, colocando a perna na posição. Demonstrando no corpo do bailarino a ativação do músculo, Neste sentido, o bailarino Vinícius comentou sentir falta do toque e também “do professor ter uma visão periférica (diversas dimensões) para entender o corpo do aluno naqueles exercícios”. Mas para ele, “esses desafios que as metodologias convertidas para a aula *on-line* trouxeram, são de certa forma mínimos comparados com a outras questões de ensino; como o professor entender de onde o aluno vem, e com qual corpo está lidando” (Vinícius, entrevista, 06/12/21).

Já a bailarina Agda (entrevista, 01/12/21) diz não sentir falta do toque pois nas aulas presenciais ela não gostava muito. Ela consegue entender através das analogias utilizada pelo professor, para entender as ativações da musculatura.

Lopes (2020a) ainda apresenta outra questão sobre a ausência do toque e contato físico:

Precisamos entender que isso está além do contato físico, é o contato humano, o olho no olho, o contato cotidiano. Geralmente, tudo o que marcamos *on-line* tem uma razão para acontecer, e na vida ‘real’, isso é aleatório, é diferente. São os dez ou quinze minutinhos que chegamos antes e papeamos sobre assuntos cotidianos, as brincadeiras, enfim. Então, torna-se nossa responsabilidade agora criar os espaços que antes simplesmente aconteciam naturalmente.

Para além das questões de aprendizagem com a falta do toque, esta autora discute questões próprias da ausência do contato humano. Nesta pesquisa observei que para suavizar tais questões de ausência de algumas sensações, os bailarinos precisam atuar ativamente para manter esse tipo de contato vivo, ainda que dentro das limitações da tecnologia. Para minimizar ausência do contato no processo de aprendizagem, os professores utilizaram metáforas ou, em algumas vezes objetos, para explicar determinada ativação da musculatura e para desenvolver a propriocepção dos bailarinos. Conforme registro em meu diário de campo (20/10/21): “ao explicar o desenvolvimento de um *retire derriere* para um *attitude derriere*, o professor utilizou um papel para simbolizar a força de uma parábola, que seria a força a ser feita no *attitudederriere*”. Além de utilizar analogias que nos auxiliam a compreender a ativação de força, tal estratégia ajuda a suprir essa ausência do toque do professor em aula.

Outro fato relatado por todos entrevistados (Agda 01/12/21; Vinícius 06/12/21; Laíse 23/12/21; Josimáteus 24/12/21; Isabela 28/12/21; Marina 01/01/21; Dante 22/01/21) é a impossibilidade de absorver correções direcionada a outros colegas. Geralmente a aula *on-line* era um momento que ‘se a correção não era direcionada a eles, eles não prestavam atenção’. Dentre as causas estava a impossibilidade de visualizar o colega durante a execução do exercício, ou mesmo por ser um momento para ‘relaxar a mente’ como relata um dos bailarinos (Josimáteus, entrevista, 24/12/21).

Uma questão citada do ensino *on-line* síncrono sobre as correções, é que embora o professor não tenha a visão total do corpo do aluno em 3D, o professor pode visualizar, ainda que em forma pequena, os corpos de todas as pessoas (que estivessem com a câmera ligada) na sala virtual às quais estavam sendo transmitidas através de uma tela 2D. Algo que não é tão possível no ensino presencial, visto que para observar todos os alunos o professor precisaria ter uma visão total da sala, como relatou um dos bailarinos. (Dante, entrevista, 22/01/22).

Outra questão sobre a aula gravada e seu formato de transmissão virtual é que não há essa troca com o professor, cabendo ao aluno se autocorrigir. A aplicação de correções durante o exercício, e também o ‘ditar’ dos exercícios para os alunos, nas experiências das aulas nas quais participei para esta pesquisa, foi algo que em alguns momentos comprometeu o ‘ouvir’ a música tocada (Diário de campo, 04/10/21). Isso porque nas aulas as quais acompanhei o professor utilizava o som pelo mesmo microfone em que falava, fazendo com que sua voz sobressaísse a música não me deixando ouvi-la.

Ainda que a fala do professor fosse ritmada a música tocada, nos momentos em que a música ‘saltava’, aquilo que era ditado me tirava um pouco a experiência da musicalidade, visto que para manter a contagem da música eu precisava ouvi-la internamente (diário de campo, 20/10/21). O bailarino Dante, relatou ter lidado da mesma maneira com o ‘saltar’ a música e também em momentos em que a música ralentava e em seguida acelerava (devido a má conexão) ele afirmou que “ignorava que a música travava e continuava [dançando] até o final [do exercício proposto]” (entrevista, 22/01/22).

A bailarina Marina S. teve a experiência da professora utilizar o som do computador para transmitir a música, mas ela diz que ainda assim o som fica a mercê da banda larga. Para ela essa experiência foi “um bom exercício para trabalhar o andamento [musical] dentro da cabeça e tentar seguir o mesmo ritmo” (entrevista, 01/01/22). Embora esta bailarina tenha previamente uma boa noção da musicalidade, e esse não tenha sido algo que prejudicou sua experiência, ela considerou que os momentos em que a transmissão da música apresentava pequenos problemas foram ruins.

O bailarino Vinícius (entrevista, 06/12/21), ainda que não tivesse uma experiência tão desenvolvida de trabalho com a musicalidade, sentiu ter ganhado uma intimidade maior com a escuta, ainda que utilizando a plataforma de comunicação de forma remota. Para este bailarino, mesmo que ainda existam todas essas questões dentro do ensino *on-line*, é primordial um profissional que saiba orientar o aluno dentro de suas limitações musicais junto ao movimento.

Pensando na percepção dos bailarinos, outro fator importante de ser explorado é a prática de ballet clássico em um ambiente que não é preparado para estas aulas. Pois é um ambiente que favorece o surgimento de lesões. A instabilidade do substituto da barra é um fator de grande potencial de lesões, caso o bailarino se desequilibre ela não oferece a mesma segurança que a barra fixa pode oferecer. O bailarino pode cair, esbarrar nos objetos próximos e se machucar. O chão que não é preparado para amortecer os saltos fazendo com que os bailarinos recebam ainda mais impacto nas articulações, e a ausência do professor para oferecer um socorro aos alunos em uma situação de emergência são fatores.

Esses fatores aliados a impossibilidade do professor observar o corpo do bailarino em sua totalidade, o que limita seu poder de correção do alinhamento corporal do bailarino, pode favorecer que essas lesões venham ocorrer.

Os bailarinos nesta pesquisa apresentaram dificuldades de explorar suas sensações de tato, audição e visualização no ensino remoto. Contudo, pode-se afirmar que existe uma construção de conhecimento e o desenvolvimento de habilidades por parte dos bailarinos e suas sensações neste formato de ensino-aprendizado. Algumas destas habilidades são trabalhadas dentro das limitações que o ensino remoto proporciona, diferente do ensino presencial. Dentro do cenário pandêmico e situação de isolamento social dos bailarinos e professores a próxima categoria a ser desenvolvida é a categoria de emoções.

#### **4.6 Emoções**

O contexto pandêmico é um fator de grande influência nas emoções dos bailarinos presentes nas aulas remotas, principalmente em momentos de *lockdown*, ou seja, períodos em que os governos restringiram a saída das pessoas de suas casas somente para atividades essenciais à sobrevivência, dado às recomendações da Organização Mundial da Saúde. Desde 2020 até a presente data, o meio virtual se tornou a forma usada para os bailarinos se manterem em forma e socializarem nas aulas de *ballet*. Além disso, as aulas remotas foram



consideradas a forma ‘mais segura’ de ‘estar junto’ e não se contaminarem por Coronavírus neste período.

Três bailarinas (Agda, 01/12/21; Isabela, 28/12/21; Marina, 01/01/22) relataram em entrevista terem sentido um impacto positivo em terem possibilidade de participar de aulas virtuais de *ballet* durante o momento de isolamento social. Conforme comenta Marina:

Eu sinto que o maior benefício não foi técnico nem físico, foi emocional, por poder estar fazendo aquilo ali [a aula], ver que não é o fim do mundo, vamos dançar e ser feliz. Tem a questão de eu gostar muito da minha professora, dos meus colegas, a gente se encontra, tem esse lado da socialização também, que é válido. Ter uma hora marcada no dia, ter na agenda, que ‘nesse horário vou fazer *ballet*’. Então acho que o benefício foi bastante significativo para o emocional (entrevista, 01/01/22).

A bailarina Isabela também falou em entrevista sobre ter esse momento dedicado a dança dentro de seu período de isolamento:

Aquele momento em que a gente dançava junto, se tornou o que eu mais queria, chegava no dia da dança eu estava pronta meia hora antes com o computador ligado esperando dar a hora da aula. Aquilo se tornou meu momentinho, meu espaço, aquele momento em que eu não ficava totalmente isolada. Quando eu estava ali com as gurias, eu não estava em casa (Isabela, entrevista, 28/12/21).

Ela ainda comenta sobre ter sido afetada também nos dias em que não podia participar da aula, pois tinha a sensação de ‘faltar algo’, se sentia ‘torta’, e ainda quando ia dormir sentia que não tinha gasto energia suficiente durante o dia (Isabela, entrevista, 28/12/21). Neste contexto, Winship (2020) explica que quando estamos isolados dentro de casa, até mesmo se posicionar para a aula, por o queixo para cima e movimentar os braços, enche o pulmão de ar e traz paz ao coração. De forma similar, na minha experiência pessoal nas aulas que participei para esta pesquisa, nesses momentos de encontro com os colegas e professores - ainda que não os conhecesse previamente - eram momentos como que ‘sagrados’ em meu dia. Eu lembro dessa mudança emocional quando eu estava participando das aulas, onde estava ‘tudo bem estar com problemas, pois naquele momento eu estava fazendo minha aula’ (Diário de campo, 16/08/21; 04/10/21; 14/10/21).

Lopes diz que “manter rituais simples, como colocar uma roupa apropriada e se arrumar para a aula, podem ser identificados como autossuficiência para cuidar de si mesmo e manter sua vida funcional, mesmo que em condições adversas” (2020b, p.1). Ter esse “momentinho” dedicado a si trás essa sensação de ainda ter controle sobre algo embora todo o contexto em volta seja caótico. Neste sentido, poder ter contato com outras pessoas, rever pessoas conhecidas é algo extremamente positivo nesse momento conforme Lopes (2020b, p.1)

O distanciamento social, na maior parte do tempo, nos priva da presença de professores, colegas, amigos e até familiares, o que para muitas pessoas pode acarretar em consequências como tristeza e depressão. Por isso, manter uma rede de apoio com quem você possa contar, falar e dividir o espaço, mesmo que virtualmente, é muito importante para a sua saúde mental; é uma válvula de escape para a necessidade de compartilhar as coisas e estar junto.

Contudo, na minha experiência eu percebi que neste formato remoto/*on-line* me senti desmotivada em alguns momentos das aulas, principalmente naquelas em que fiz as aulas sem o contato com a turma e professor, quando o formato era em *live* [semi-presencial e também na aula gravada/ assíncrona/ sem possibilidade de interação com o professor e bailarinos na aula] (Diário de campo, 16/09/21; 22/09/21). Exemplo disso foi a aula que realizei transmitida pelo *Instagram* (diário de campo, 15/09/21) onde registrei uma falta de motivação por não conseguir manter a energia durante toda a aula. Nesta plataforma senti que a aula que estava ocorrendo presencialmente promovia uma energia muito alta nos poucos participantes presenciais, e eu que estava nesta aula em formato remoto não conseguia acompanhá-la.

Considero importante lembrar que mesmo em aulas completamente virtuais ou semipresenciais haviam momentos em que era muito difícil abstrair o contexto de pandemia. A exemplo disto lembro-me de uma aula semipresencial que assisticôm a presença virtual de outra colega que estava em quarentena, pois a sua irmã havia testado positivo para Covid-19 (Diário de campo, 14/10/21). Em um momento em que parentes meus também já haviam sido contaminados pelo Coronavírus, percebi sentimentos de aflição pelos danos que a doença pode causar. Sentimentos de ansiedade provocados pela consciência de saber que outras pessoas estavam sofrendo, junto ou longe, foram sendo incorporados, modificando meu estado de presença na aula, e meu estado corporal para dançar.

Para o bailarino Vinícius a corporificação do sentimento de ansiedade modifica sua presença, sua atenção e memória em aula. Neste sentido ele comentou que:

Depende muito da minha ansiedade, se no dia eu estiver bem, se a minha mente não estiver a mil, eu foco muito mais na execução dos exercícios. Eu presto mais atenção no *feedback*, que é me dado, daí a minha musicalidade flui de uma forma mais natural, mas se for um dia em que eu estou de cabeça cheia, nada rola (entrevista, 06/12/21).

Este bailarino também explicou sobre a dificuldade de estar presente no momento da aula, e o fato das suas emoções fluírem mais facilmente no espaço de casa quando estava fazendo a aula de *ballet* remota:

Tem aquela ideia ‘deixe as coisas do lado de fora [da aula]’, só que assim como eu vou deixar as coisas do lado de fora, eu estou fazendo aula dentro de casa. É o que eu falei da energia, é o mesmo lugar que eu estou cozinhando, é o mesmo lugar que

eu passo raiva com algum trabalho, é o mesmo lugar que eu quero chorar por que eu não consigo sair de casa a meses (Vinícius, entrevista, 06/12/21).

Silva e Marcílio (2020), descrevem sobre a influência dessa infraestrutura da casa modificada durante o isolamento social sobre as emoções:

A infraestrutura física das casas impacta também nas relações intersubjetivas e nas atividades realizadas porque algumas pessoas tiveram, por exemplo, que adaptar espaços e horários: a sala virou escritório, local de atividades físicas ou de estudo, e novos horários de estudos, trabalho e alimentação foram criados (SILVA; MARCÍLIO, 2020, p. 68).

Dessa forma podemos entender também como se diferencia a ‘energia’ que ocorre durante o ensino remoto e presencial, conforme comentado pela bailarina Laíse:

Em uma aula presencial, a energia sempre vai lá em cima e parece que você não se cansa muito. A aula *on-line* para mim foi muito cansativa, os professores tiveram que se reinventar, para eles conseguirem dar uma aula de maneira adequada. Por que eles não conseguem ver a gente direito, e a gente também não consegue ver eles direito, então ter que ficar chegando perto da câmera para ver um passo, e depois ter que afastar para fazer (Entrevista, 23/12/21).

Um dos fatos que contribuiu para a ‘baixa energia’ de alguns bailarinos nas aulas remotas foi a qualidade de transmissão da *internet*, a qual nem sempre estava em sua melhor disposição dado mau tempo ou qualquer outro fator que levasse a *internet* cair ou falhar durante a aula. No meu caso, não consegui acompanhar uma das aulas devido à má conexão com a *internet* que causava ‘travadas’, e por conta disso o vídeo atualizava para sincronizar a transmissão. Isso fazia com que eu perdesse a demonstração do exercício ou mesmo sua execução. Até eu conseguir solucionar o problema da *internet*, eu me senti muito desmotivada para continuar na aula, pois perdia boa parte dela o que me fez sentir um certo estresse pela impossibilidade de concluir algo que havia começado (Diário de campo, 29/09/21).

Em outro registro sobre problemas de conexão escrevi “que quando retornava a aula, o tempo que gastava sentada tentando resolver o problema de conexão, fazia com que meu corpo esfriasse, e me desconcentrasse da aula”. (Diário de campo, 14/10/21). Em relação a isso, ara Lee (2020) aponta que:

Atrasos de milissegundos em respostas verbais virtuais afetam negativamente nossas percepções interpessoais, mesmo sem qualquer problema técnico ou de internet. A falta do olhar mútuo direto reduz a elaboração de respostas mais rápidas, piora a memorização de faces e impacta negativamente a empatia. (Apud SATHLER, 2021, p. 3).

Em ambos os casos citados anteriormente, a qualidade da conexão foi fundamental para oportunizar o meio básico para que se pudesse participar das aulas e também a qualidade desta transmissão influenciou diretamente nas emoções, sensações, memória e atenção dos bailarinos no formato da aula de *ballet* clássico remota.

A partir desta análise, considero importante salientar que são inúmeros os fatores que impactam no aprendizado dos bailarinos e contribuem na construção da sua corporalidade. Ou seja, desde o espaço físico, a presença de outras pessoas no ambiente da aula em suas casas, a presença de outros bailarinos e do professor, a temperatura, até a consideração de todas as plataformas existentes para realização da aula remota, são aspectos fundamentais na percepção corporal, memória, atenção e sensações provocadas nestas aulas. É como se um novo universo se abrisse nas aulas remotas, com suas qualidades e defeitos, mas o aprendizado mesmo que diferente do presencial existe e foi percebido pelos bailarinos participantes desta pesquisa. No momento da pandemia, por inúmeros motivos esta modalidade de ensino-aprendizagem possibilitou que bailarinos de diferentes localidades se unissem e se mantivessem em forma física e emocional frente ao caos em que ainda estamos vivendo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho investiguei os aspectos do ensino-aprendizado que vem ocorrendo no ensino remoto de *ballet* clássico durante a pandemia Coronavírus, a fim de identificar as principais características desse modelo de ensino junto aos seus praticantes em meio a situação de isolamento social.

Os objetivos deste trabalho foram atingidos através das diversas categorias de análise exploradas, as quais foram baseadas em fontes etnográficas e auto-etnográficas através da observação-participante e entrevistas com diversos bailarinos de várias modalidades de aulas de *ballet* remoto. Estes bailarinos provenientes de diferentes localidades, participaram de diferentes aulas de *ballet on-line* de localidades diferentes. Baseada na análise destes dados, os bailarinos vivenciaram diferentes espaços físicos para realização das aulas, os quais incluíam seus espaços pessoais de casa, com toda a dinâmica familiar e com a presença em algumas vezes de, por exemplo, animais de estimação. A partir da adaptação destes espaços os bailarinos aprenderam outros modos de realizar a aula, por exemplo, lidando com múltiplos focos de atenção. Algumas vezes os bailarinos apresentaram as dificuldades de estar em local para realizarem as aulas e terem outras distrações naquele mesmo espaço. Por outras vezes, alguns bailarinos salientaram a importância de uma atenção mais focada no corpo, sem outros bailarinos na sala para ‘copiarem’ a sequência caso a não tivessem memorizado.

A quarta categoria de análise envolveu aspectos que os bailarinos ressaltaram aspectos negativos quanto a memorização dos exercícios quando não conseguiam visualizar o professor ou os outros bailarinos na sala; e também aspectos positivos, quando se esforçaram para prestar mais atenção nos exercícios propostos aprimorando assim sua memória. Por outro lado, uma das categorias que mais apresenta impactos foi as sensações corporais, dos bailarinos convivendo e aprendendo em um mesmo espaço.

Várias questões sensoriais do ensino de *ballet* presencial se diferenciam do ensino remoto *on-line*, como por exemplo, poder ver em várias dimensões o professor, escutar a música na sua integridade sem falhas por causa da plataforma de comunicação, receber o toque do professor para aprimorar a propriocepção do movimento, tocar com as mãos na barra, checar visualmente seu movimento no espelho, sentir a textura e flexibilidade do piso através dos pés na sapatilha, mover-se com expansão no espaço. Com isso, o aprendizado dos bailarinos, mesmo com a supressão ou variação de algumas experiências sensoriais, sofreu modificações sensoriais que também foram benéficas aos bailarinos, por exemplo, deixar de usar tanto a visão e se focar mais em questões proprioceptivas, aprender a sentir e contar a

musica de modo que quando a *internet* falhava o bailarino conseguia continuar a sequência em sua dinâmica, encontrar metáforas sensoriais e usar objetos para perceber o movimento, e em alguns casos houve mais espaço para diálogo com o professor quando as aulas eram síncronas.

Já a categoria de análise relacionada com as emoções nas aulas de *ballet* no ensino remoto foi a mais prejudicada por causa do distanciamento social e da situação de emergência e imprevisibilidade que foi se prolongando ao longo dos anos, desde março de 2020 até os dias atuais. Os bailarinos indicaram emoções de alegria ao realizarem aulas em grupo e reverem ou conhecerem bailarinos e professores novos. No entanto, a situação social da doença se disseminando e alto número de mortes por Coronavírus atingindo muitas vezes suas famílias, seus conhecidos e a eles próprios, tornou difícil manter um equilíbrio emocional durante este período. As emoções dos bailarinos, conforme exemplificadas no capítulo da análise, foram muito abaladas neste período de ensino remoto, o que dificulta a análise do ensino remoto por si só. A situação social inerente da pandemia trouxe consequências que influenciam na análise das emoções nas aulas remotas de *ballet* clássico. Apesar destas circunstâncias, bailarinos e professores de *ballet* encontraram meios de se conectarem e manterem a prática desta modalidade viva. Neste período, surgiram inclusive oportunidades diversas de aulas e cursos gratuitos de *ballet* oferecidos por inúmeras instituições e profissionais de vários países conectando pessoas de muitas localidades para o ensino e troca de aprendizado sem saírem de suas casas.

A principal contribuição desta pesquisa foi o foco na construção da corporalidade do bailarino no processo de aprendizagem dentro dessa modalidade de ensino de *ballet* remoto durante a pandemia de Coronavírus. A partir disso, questões importantes diferenciam várias modalidades de ensino vivenciadas pelos bailarinos participantes. No que se refere aos diferenciais entre os ensino presencial e remoto notou-se que o tópico sobre o espaço e o distanciamento entre professor-aluno foram um dos mais ressaltados pelos bailarinos. Considerando-se, entre outras questões, o distanciamento e sua influência no aprendizado do bailarino pela falta da sensação do toque para correções. Dessa forma, esta pesquisa indica que o ensino de *ballet* clássico *on-line* influencia no aprendizado dos bailarinos durante a pandemia do Coronavírus através de diferentes modalidades de ensino remoto, as quais oferecem diferentes possibilidades de ensino-aprendizado, com um ponto em comum todas estas formas trouxeram para o bailarino uma postura mais ativa em seu processo de aprendizagem.

A limitação da visualização do professor (ou a falta dela nas modalidades em que não há interação com o professor), diferença no espaço-tempo em que os alunos estão e quando não estão presentes, trazem para eles a responsabilidade de ouvir o próprio corpo. Além do desenvolvimento de autonomia em relação a organização do espaço de aula, disciplina em manter a prática e buscar eliminar possíveis distrações (principalmente nas modalidades assíncronas), não foram tarefas fáceis para os bailarinos e professores nesse momento caótico.

As modalidades síncronas com interações entre alunos-alunos e alunos-professor, se apresentaram como mais que uma forma de manter a forma física. Esta modalidade contribuiu também para o bem-estar mental dos participantes, tanto por manter a atividade física quanto pela possibilidade de diminuir a sensação de isolamento social, e permitir a socialização.

Já nas modalidades síncronas desta pesquisa que ocorreram sem interações entre alunos-alunos e aluno-professor e modalidades assíncronas, apresentaram um déficit em relação a socialização e motivação para as aulas. No entanto, estas modalidades apresentaram maior desenvolvimento da autocorreção, e nas modalidades assíncronas houve a possibilidade de estudar com maior detalhe as movimentações e aperfeiçoar em alguns casos sua qualidade.

Embora o sistema de ensino remoto tenha uma conjuntura completamente diferente do ensino presencial (principalmente no que diz respeito a movimentos de grande expansão), o ensino-aprendizado remoto apresenta outras contribuições para além da técnica dentro do período de isolamento social: o ensino se mantém ativo, existe o aprendizado e a manutenção da prática, que é o objetivo dessa modalidade de ensino. É importante lembrar a pressa em que houve a mudança para o formato *on-line*, e nem todos os professores, instituições de dança e escolas estavam preparados para uma mudança drástica como a que ocorreu.

Como limitações desta pesquisa aponto as seguintes questões: tempo prolongado e orientações confusas do comitê de ética e sistema de difícil acesso para resolução de problemas documentais na Plataforma Brasil; bailarinos bastante ocupados para agendar entrevistas; e em relação ao material teórico, por ser uma temática nova haviam muitas publicações recentes mas não muitas focadas em aulas remotas de *ballet* clássico – considerando a especificidade do ensino-aprendizado que esta dança requer.

De agora em diante com a ascensão de pesquisas voltadas para o ensino *on-line* é provável que muitas questões problematizadas e discutidas nesta e em pesquisas futuras possam contribuir para construção e aperfeiçoamento de novas plataformas de ensino. Como sugestão para pesquisas futuras também incluo a consideração de temáticas como o tempo para preparo dos professores para essa modalidade de ensino, e até mesmo a possibilidade de realizar as aulas estando em outros espaços que não os de casa.

Para pesquisas futuras voltadas para esse tema, sugiro que seja feita em um grupo maior de entrevistados em diversas outras localidades, a fim de perceber as experiências de grupos que frequentaram esse modelo de ensino como um todo, isso com objetivo de desenvolver pesquisas em outras plataformas de ensino *on-line* para além do que foi desenvolvido neste trabalho.



## Referências Bibliográficas

DIAS JAA, DIAS MFSL, OLIVEIRA, ZM, *et al.* Reflexões sobre distanciamento, isolamento social e quarentena como medidas preventivas da covid-19. Revista de Enfermagem do Centro Oeste Mineiro, 2020; 10:e3795. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.19175/recom.v10i0.3795>> Acesso em 10 de abril 2021.

DORNELLES, D. PEREIRA, M. As corporalidades do trabalho bailarino: entre exigências extremas e dançar com a alma. v. 17. Rio de Janeiro: RAC, outubro 2013.

FORTIN, S. Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para pesquisa na prática artística. 7 ed. Rio Grande do Sul, Revista cena, 2009

KOULASS, G. Dancers still need a daily class. No barre? justgrab a chair. The New York Times. New York, 2020. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2020/03/25/arts/dance/ballet-class-coronavirus.html>> Acesso em 04 de abril de 2021.

KUBO, O. BOTOMÉ, S. Ensino-aprendizagem: uma interação entre dois processos comportamentais. v. 5. Curitiba: Interação em Psicologia, dezembro de 2001.

LADEWING, I. A importância da atenção na aprendizagem de habilidade motora. 20 ed. São Paulo: Rev. Paul. Edu. Fís., 2000.

LAKATOS, E. MARCONI, M. Fundamentos de metodologia científica. 5ª ed. São Paulo. Editora Atlas S.A. 2003.

LANSKY, C. Take virtual class from your kitchen counter with these pros. Pointe. PalmCoast, 2020. Disponível em: <<https://www.pointemagazine.com/online-ballet-class-2645499567.html>> Acesso em 04 de abril de 2021.

LIMA, Daya. Vem dançar online! São Paulo companhia de dança terá programação especial com aulas gratuitas. São Paulo para crianças. São Paulo, 2021. Disponível em:

<<https://saopauloparacrianças.com.br/sao-paulo-companhia-danca-programacao>> Acesso 26 de abril de 2021.

LOPES, M. Aulas de dança durante a pandemia: saiba por que você deveria começar hoje. Maria Cristina Lopes, 2020a. Disponível em: <<https://www.mariacristinalopes.com/aulas-de-dan-a-durante-a-pandemia--saiba-por-que-voc--deveria-come-ar-hoje.html>> acesso em: 16 de fevereiro de 2022.

LOPES, M. Ausência do contato físico: a dança em tempos de pandemia. Maria Cristina Lopes, 2021. Disponível em: <<https://www.mariacristinalopes.com/aus-ncia-do-contato-f-sico--a-dan-a-em-tempos-de-pandemia.html>> acesso em: 16 de fevereiro de 2022.

LOPES, M. Socialização: a importância da relação entre professores e alunos no desenvolvimento e aprendizado da dança. Maria Cristina Lopes, 2020b. Disponível em <<https://www.mariacristinalopes.com/socializa--o--a-import-ncia-da-rela--o-entre-professores-e-alunos-no-desenvolvimento-e-aprendizado-da-dan-a.html>> acesso em 17 de fevereiro 2022.

MARULANDA, D; OLIVEIRA, É. Metáforas do corpo e do movimento no ensino do ballet clássico: Etnografia da incorporação de uma técnica. ABRACE, Belo Horizonte, 2014.

MONTERO, B. Proprioception as na aesthetic sense. Vol 64, No 2. Oxônia: JSTRO, 2006.

OLIVEIRA, V. *et al* 3. Percepção de graduandos em educação física sobre as aulas remotas frente a covid-19: um estudo de caso. Research, Society and Development; Vol 10, No 4. Universidade Federal de Itajubá, 2021.

SÁ, C.S.C.; MEDALHA, C.C. Aprendizagem e Memória – contexto motor. Uberlândia: Rev. Neurociência, 2001.

SAHIN, I.; SHELLEY, M. Educational practices during the Covid-19 viral outbreak: International perspectives. Monument: ITES Organization, Outubro de 2020.

SATHLER, L. Aulas remotas precisam ser chatas? São paulo: Bett educar, fevereiro de 2021

SILVA, M.; MARCÍLIO, B. Espaços e emoções: reflexões para entender a experiência de isolamento social na pandemia de covid-19. Niterói: Revista Ensaios de Geografia, julho 2020.

TCHAJKOVA, M. *et al.* Designing for ballet classes: identifying and mitigating communication challenges between dancers and teachers. Indianapolis: IUPUI, março 2019.

WINSHIP, L. Plié, Jetté... mind the fridge! My kitchen ballet class with Tamara Rojo. The Guardian. Londres, 2020. Disponível em: <  
<https://www.theguardian.com/stage/2020/mar/24/tendu-with-tamara-rojo-online-ballet-classes-to-try>> Acesso em 04 de abril de 2021.

**APPENDIX I****Carta de Autorização para pesquisa acadêmica**

Solicito ao gestor (a) da instituição de ensino

---

autorização para realização do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da orientanda Hillary Maria Lemes Farias, orientada pela Professora Dóris Dornelles, tendo como título preliminar “Aulas de *ballet* clássico: *on-line*: aspectos do ensino remoto durante a pandemia de covid-19” para fim de obtenção do título de Bacharel em Dança pela Universidade Federal de Viçosa.

Nesta pesquisa utilizarei da metodologia de observação participante para a construção do diário de bordo, além de entrevistas com os alunos que desejarem contribuir com a pesquisa. Em alguns casos se houver consentimento participarei da aula como aluna para adquirir percepção do aprendizado no meu corpo e enriquecer a análise dos dados.

Os dados coletados nesta pesquisa serão resguardados com privacidade para respeitar e proteger os participantes e professores. Após a finalização desta pesquisa eu compartilharei com os participantes os resultados obtidos.

Quaisquer desconforto que possa ser causado nos participantes, estarei a disposição para contato imediato, e caso seja necessário parar a pesquisa.

---

**Assinatura do(a) gestor (a)**

## APPENDIX II

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Para maiores de 18 anos)

#### **Título da pesquisa: Aulas de *Ballet Clássico “on-line”*: aspectos do ensino remoto durante a pandemia de Covid-19**

Nome da responsável: Dóris Dornelles de Almeida

Você está sendo convidado a participar desta pesquisa, este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, visa assegurar seus direitos como participante e é elaborada em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador. A obtenção do registro de consentimento se dará através da assinatura virtual nesse documento, ao assiná-lo você concorda que está ciente de todos os riscos, benefícios e dos procedimentos adotados pelas pesquisadoras.

Por gentileza, leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de assiná-lo, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Se preferir, pode consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento. Sua participação é voluntária e esta pesquisa não envolve benefícios financeiros ao participante.

Justificativa e objetivos:

O contexto de isolamento social da pandemia de Covid-19 afetou diversos bailarinos e professores a nível mundial, necessitando buscar outras formas de ensino, que não presencial a fim de manter sua prática em *ballet* clássico, dessa forma, muitos recorreram ao ensino remoto como um formato de aula alternativo. Por isso, faz-se necessário analisar as principais dificuldades e oportunidades relacionadas aos aspectos do ensino-aprendizagem das aulas de *ballet on-line*.

Para isso optei pela metodologia de observação participativa que é definida por Lakatos e Marconi (2003, p.194) da seguinte forma: “Consiste na participação real do pesquisador com a comunidade ou grupo. Ele se incorpora ao grupo, confunde-se com ele. Fica tão próximo quanto um membro do grupo que está estudando e participa das atividades normais” desta forma pretendo participar de aulas em turma de *ballet* adulto *on-line* e através de um diário de bordo registrar os aspectos do ensino que pude observar em minha experiência empírica com essa forma de ensino.

Além disso, para compreender as experiências dos outros alunos que participaram das aulas em que estive, optei por fazer entrevistas semi-estruturadas, a fim de enriquecer minha pesquisa, que segundo Lakatos e Marconi (p.195, 2003) é definida como “um encontro entre duas pessoas, a fim de que uma delas obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional”.

Desta forma a pesquisa tem como objetivo entrevistar bailarinos e professores a fim analisar o impacto que a prática do *ballet* clássico em plataformas *on-line* passa a ter nesse contexto de isolamento social. Vale ressaltar, que todas essas pessoas são livres para escolherem e manifestarem somente aquilo que gostariam de compartilhar, durante as entrevistas.

Esse material coletado servirá de base para a pesquisa teórica e prática do Trabalho de Conclusão do curso de Dança da Universidade Federal de Viçosa, intitulado “Aulas de *Ballet Clássico “on-line”*: aspectos do ensino remoto durante a pandemia de Covid-19”.

Os encontros para observações e participações nas aulas e as entrevistas serão realizados de forma remota (virtuais), respeitando o período de distanciamento social causado

pela pandemia provocada pela Covid-19. O perfil dos participantes da pesquisa de campo envolve pessoas praticantes de *ballet* clássico de turma adulta, que mantiveram sua prática durante a pandemia, através do ensino remoto.

#### Procedimentos metodológicos da pesquisa:

Participando do estudo você está sendo convidado a participar normalmente de suas aulas práticas semanais de *ballet* clássico, de uma hora e meia cada, através das plataformas *Google Meet* ou *Zoom* ou *Instagram*. Nestas aulas serão trabalhados os seguintes aspectos: coordenação motora, flexibilidade, força, respiração, concentração, foco, e toda parte física e artística presentes nas aulas de *ballet* clássico.

Durante essas atividades, serão realizados registros em diários de bordo, entrevistas, e depoimentos dos participantes, os quais serão confidenciais. Para entrevistas com duração média entre uma hora a uma hora e meia, diferentes questões serão levantadas inicialmente de forma semiestruturada e poderão ser flexibilizadas em função de diferentes aspectos que poderão surgir ao longo das aulas durante esta pesquisa. Cada participante será livre para se manifestar e escolher o que deseja compartilhar.

Tais registros coletados servirão como material para análise da pesquisa de campo. Ao concordar em participar, você estará ciente de que os registros acima mencionados poderão ser divulgados em diferentes meios digitais e impressos e utilizados em diferentes pesquisas, no entanto, você poderá solicitar que seu nome seja modificado mantendo anonimato da sua participação. Os registros serão arquivados pela pesquisadora por tempo indeterminado e poderão ser utilizados em pesquisas presentes e futuras. Os participantes poderão, a qualquer momento, solicitar a não divulgação de seus dados e compartilhamentos verbais.

A pesquisa não oferecerá nenhum custo aos participantes, pois a observação e entrevistas, serão referente a aulas em que o participante já está inserido, em seu cotidiano.

#### Desconfortos e riscos:

Você não deve participar deste estudo se não estiver em condições de participar de atividades físicas.

Os riscos decorrentes a pesquisa são os possíveis vazamentos de dados, para isso as pesquisadoras estão dispostas a tomar as medidas cabíveis para evitar e amenizar essa situação, observando a política de privacidade dos aplicativos utilizados durante as entrevista, a fim de entender os possíveis vazamentos.

Risco de desconforto ou constrangimento em relação a alguma pergunta das entrevistas, caso ocorra, poderá optar por não responder a questão proposta, ou mesmo retirar-se da pesquisa a qualquer momento. Diante de eventuais danos, identificados e comprovados, decorrentes da pesquisa, o Sr. (a) tem assegurado o direito à indenização.

#### Benefícios:

Após o fim da pesquisa os participantes serão beneficiados com os resultados da pesquisa, para acessá-los livremente. Benefícios que podem servir de exemplo são os elementos considerados fundamentais na aplicação das aulas pelos professores e melhor entendimento sobre diversos ambientes de aprendizagem virtuais utilizados na aprendizagem dos bailarinos, podendo melhorar sua aprendizagem.

#### Acompanhamento e assistência:

A pesquisadora irá acompanhar o desenvolvimento do trabalho nas aulas de *ballet* e estará à disposição para esclarecer dúvidas sobre a pesquisa, oferecendo acompanhamento em questões individuais ou coletivas, caso necessário.

Destaco que cada participante deve ser responsável por respeitar seus próprios limites corporais, não devendo participar de atividades que lhes causem qualquer desconforto ou que tragam riscos à sua saúde. Além de respeitar seus próprios limites ao responder as perguntas, podendo deixar de respondê-las ou se retirar da entrevista caso sinta algum desconforto ou se sinta constrangido

Ao participar deste projeto, você tem garantida plena liberdade de recusar-se a participar ou retirar seu consentimento, em qualquer fase da pesquisa. A sua participação é voluntária e a recusa em participar não acarretará qualquer penalidade ou modificação na forma em que é atendido pelo pesquisador. Os resultados das pesquisas estarão à sua disposição quando finalizada.

Este termo de consentimento será disponibilizado em duas vias originais, sendo que uma será arquivada pelo pesquisador responsável, no Departamento de Artes e Humanidades e a outra será fornecida a você, e você poderá solicitá-lo, e tirar dúvidas sempre que achar necessário.

Os dados e instrumentos utilizados na pesquisa ficarão arquivados com o pesquisador responsável de modo permanente.

Eu, \_\_\_\_\_, CPF: \_\_\_\_\_, contato (telefone e email) \_\_\_\_\_, fui informado(a) dos objetivos da pesquisa “Aulas de *Ballet Clássico “on-line”*: aspectos do ensino remoto durante a pandemia de Covid-19” de maneira clara e detalhada, e esclareci minhas dúvidas. Sei que a qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão de participar, se assim o desejar. Declaro que concordo em participar. Recebi uma via original deste termo de Consentimento Livre e Esclarecido e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer minhas dúvidas.

Contato:

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com o pesquisador:

Nome do Pesquisador: Hillary Maria Lemes Farias  
Endereço: Rua José do Pia, João Botelho, 161, Montes Claros, MG  
Telefone: 3899226-7146  
Email: hillary.farias@ufv.br

Nome do Pesquisador Responsável (orientadora): Doris Dornelles de Almeida  
Endereço profissional, onde o pesquisador atua: Departamento de Artes e Humanidades da UFV.

Telefone: (31) 3612-7313

E-mail: doris.dornelles@ufv.br

Em caso de discordância ou irregularidades sob o aspecto ético desta pesquisa, você poderá consultar:

CEP/UFV – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos ([www.cep.ufv.br](http://www.cep.ufv.br))

Universidade Federal de Viçosa

Edifício Arthur Bernardes, piso inferior, <sup>[11]</sup>Av. PH Rolfs, s/n – Campus Universitário

Cep: 36570-900 Viçosa/MG

Telefone: (31)3612-2316

Email: cep@ufv.br

Viçosa, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 20\_\_\_\_.

Assinatura do Participante

---

Assinatura do Pesquisador

---

Assinatura do Pesquisador Responsável